



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALDEMIRA FERREIRA DE ALMEIDA

## O TRABALHO FEMININO EM SERINGAIS DO ACRE

(1960 – 1980)

MANAUS

2016

ALDEMIRA FERREIRA DE ALMEIDA

O TRABALHO FEMININO EM SERINGAIS DO ACRE  
(1960 – 1980)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO EMÍLIO MORGA

MANAUS

2016

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A447t Almeida, Aldemira Ferreira de  
O trabalho feminismo em seringais do Acre (1960-1980) /  
Aldemira Ferreira de Almeida. 2016  
105 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Antônio Emílio Morga  
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Trabalho feminino. 2. Seringal. 3. Mulher acreana. 4. Coleta do  
Látex. I. Morga, Antônio Emílio II. Universidade Federal do  
Amazonas III. Título

## TERMO DE APROVAÇÃO

---

Prof. Dr. Antonio Emilio Morga - UFAM  
Orientador – Presidente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Teresa Santos Cunha - UDESC  
Membro Externo

---

Prof. Dr. James R. Silva - UFAM  
Membro Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karla Leonora Dahse Nunes - UNISUL/SC  
Membro Externo

---

Prof. Dr. César Augusto Bulboz - UFAM  
Membro Interno

## RESUMO

Com o intuito de ressaltar a contribuição feminina exercida nos trabalhos executados no interior de alguns seringais do Estado do Acre, situado ao sul da região norte do Brasil, este trabalho pretende demonstrar como mulheres contribuíram de forma eficaz no corte da seringueira, na coleta do látex, na fabricação artesanal da borracha, no cultivo da agricultura e na constituição e estabelecimento das famílias oriundas da região nordeste brasileira. Através dos relatos obtidos por meio de entrevistas e conversas informais com trabalhadoras seringueiras, os quais evidenciam quais eram suas principais funções quando residiam nos seringais entre os anos 1960 a 1980, partindo de narrativas orais, as mulheres relatam como usavam seus talentos e recursos para ajudar no sustento de suas famílias, como persistiram em seu dia a dia e como esse tão árduo labor trouxe consequências danosas à saúde, retratando suas experiências no interior da floresta como seringueiras, agricultoras, pescadoras e ajudadoras nas mais variadas funções.

Palavras-chaves: mulheres, seringais, trabalho.

## **ABSTRACT**

In order to highlight the women's contribution exercised in the work performed in rubber plantations of the state of Acre, located in south of the northern region of Brazil, this paper aims to demonstrate how women contributed effectively cutting the rubber trees in latex collection, in the handmade manufacture of rubber, in the agriculture and in the constitution and establishment of immigrant families that came from the brazilian northeast region. Through reports obtained by interviews and informal talks with rubber workers showing which are their main functions while residing in the rubber plantations between the years 1960-1980, from oral narratives, women report how they used their talents and resources to help in support of their families, how they persisted every day and how this so hard labor brought harmful consequences to health, portraying their experiences in the forest as rubber tapper, farmers, fisherwomen and helpers in many functions.

Keywords: women, rubber, work.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao SENHOR JESUS pelo dom da vida e por conceder-me o privilégio de cursar o Mestrado em História na Universidade Federal do Amazonas.

Ao professor e orientador Antonio Emilio Morga, pela compreensão, orientação e incentivo para seguir adiante.

Aos meus filhos Dallysson e Júnior pelo apoio, incentivo e compreensão.

Ao professor e médico Menabarreto Segadilha França, pelo interesse e apoio incentivando-me a persistir na pesquisa e principalmente por compartilhar e auxiliá-me nos encontros com as mulheres a serem entrevistadas no Acre. Seu companheirismo, direcionamento e orientação foram imprescindíveis para com o objetivo fundamental deste trabalho.

Ao meu irmão Euzébio Oliveira da Silva, que com sua filha esposa Solange e sua filha Sara, receberam-me em seu lar todas as vezes que necessitei ir a Rio Branco para a pesquisa em campo.

À minha irmã Aldenora, minhas amigas Darci, Flávia Simonete e Joaquina, por acreditarem em minha capacidade de aprendizado e expressarem com palavras levando-me também a acreditar.

A todos os Professores do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação.

À Professora Kátia Couto, pelo carinho e por palavras construtivas, direcionando orientações à compreensão da importância de uma pós-graduação com nível de mestrado.

Ao secretário do PPGH, Jaílson, pela presteza, solicitude e paciência não somente comigo, mas com todos os mestrandos.

Ao professor Dr. Gláucio Campos (FEFF), pelas orientações e observações quanto à importância do conteúdo escrito quando encontrava-me sem alegria para prosseguir.

Ao professor Dr. Nelson Tomelin Júnior, pela orientação no início do Mestrado.

Aos amigos e irmãos de fé, pelas orações, apoio e carinho.

Ao meu irmão e amigo Mário Luiz Régis, pelas palavras encorajadoras e por me levar a sorrir com suas brincadeiras nos momentos em que a escrita apresentava-se travada e a tristeza cerceava-me.

Aos meus irmãos e amigos Paulo Roberto Arce, Neidilê Munhoz, Júdice Moraes, Auzerina Sabóia, Esival Rocha, Hermenegildo Brilhante, Silvana Aguiar e Cícero Souza, pelo carinho e pelas palavras incentivadoras.

A todos os colegas das turmas de Mestrado de 2013, 2014 e 2015, e em especial à Dayse Sicsú, Ananias, Wanderlene Barros, Ângela, Richardson, Maria do Carmo, Isabel, Jhomara, Lidiane, Luciana, Laiana, Regina, Patrícia, Sandriele (geografia), Eduardo e Sara, sempre compartilhando publicações, fontes, eventos e muito companheirismo.

## **DEDICATÓRIA**

Às duas mulheres seringueiras mais valorosas que  
conheci: minha mãe Marieta e minha avó Dona Lira  
(in memoriam)

*Concordo com a ideia de que a historiografia é produto de um trabalho, de um trabalho de atribuição de sentidos aos eventos, aos acontecimentos do passado. Concordo que o historiador exerce um trabalho de produção do passado, que o fabrica como um artefato. Concordo que ele exerce uma tarefa de produção de versões para aquilo que se passou, que produz para os tempos, que dá a eles a existência e consistência. Mas considero que o trabalho que realizamos não tem caráter maquínico, o caráter fabril, caráter plenamente moderno, que as imagens e metáforas usadas tanto por Certeau quanto por Marx parecem indicar. O trabalho do historiador me parece ter mais analogias com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria. O historiador me parece habitar mais um ateliê do que um espaço fabril. Penso que a atividade historiadora tem maior proximidade com a paciente e meticulosa atividade manual exercida por tecelões, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, chuliadeiras. Atividades que tem maior proximidade com o universo definido como feminino do que com as atividades fabris identificadas como pertencentes ao universo masculino.*

*(Durval Muniz, 2009)*

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| RESUMO.....  | 5   |
| ABSTRACT .....   | 6   |
| AGRADECIMENTOS .....                                       | 7   |
| DEDICATÓRIA.....   | 9   |
| INTRODUÇÃO .....   | 14  |
| CAPÍTULO I .....   | 20  |
| 1.1. O trabalho feminino no Brasil.....                    | 21  |
| 1.2. Situação econômica no Acre .....                      | 25  |
| 1.3. Benefícios e dificuldades no âmbito trabalhista ..... | 30  |
| CAPÍTULO II .....  | 41  |
| 2.1. A Mulher acreana.....                                 | 42  |
| 2.2. O ato de cortar e colher .....                        | 51  |
| CAPÍTULO III .....   | 73  |
| 3.1. Além do corte e da coleta do látex.....               | 74  |
| 3.2. Saúde.....  | 78  |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                 | 92  |
| REFERÊNCIAS .....  | 93  |
| FONTES.....  | 101 |
| TRABALHADORAS ENTREVISTADAS .....                          | 102 |
| ANEXOS .....   | 103 |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ingressei no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Amazonas no ano de 2009 aos 43 anos, de certa forma, deslocada por estar em uma turma com tantos jovens.

Meu sonho de estudar em uma Universidade Federal desde a mais tenra juventude finalmente havia se realizado, e, encantada pelo universo acadêmico e por tudo que ele poderia proporcionar em minha vida, aproveitei com esmero cada disciplina que o departamento oferecia.

Não posso dizer que aprendi cem por cento de tudo durante a graduação, contudo, tive o privilégio de ouvir excelentes palestras, participar de Congressos, Seminários, Colóquios, dentre outros eventos acadêmicos, bem como ler e compartilhar conteúdos históricos tão preciosos e fascinantes os quais sequer sabia existirem.

Assim, ao ler diversos textos que expressavam a produção de borracha na Amazônia, inquietou-me o fato da menção masculina predominante “o seringueiro” ou o “soldado da borracha”. Acreana, filha e neta de seringueiros nordestinos que se dirigiram para a região norte do Brasil em decorrência do chamado do governo Vargas para a produção de borracha durante a segunda guerra mundial, presenciei as mulheres de minha família trabalhando junto aos homens nas mais variadas funções nos seringais durante a década de 1970.

A pesquisa teve início com a monografia estendendo-se até o mestrado. O recorte temático foi estabelecido em torno de mulheres que trabalharam em seringais situados próximos às margens dos rios acreanos, com a recuperação da memória em função da pesquisa estabelecendo uma importância primordial, tentando fazer, da melhor forma possível, o uso da história oral em entrevistas e conversas informais.

O Capítulo I apresenta um breve conteúdo acerca da trajetória do trabalho feminino no Brasil, assim como no Estado do Acre e especialmente na cidade de Rio Branco, as conquistas trabalhistas por meio de leis e decretos que foram

estabelecidas para favorecer a classe trabalhadora feminina, a baixa remuneração e o excesso de horas de trabalho sem reconhecimento adequado. Evidencia citações da referida pesquisa em trabalhos acadêmicos publicados acerca do tema e relatos obtidos por meio de narrativas de situações vivas na memória de determinadas mulheres, conduzindo-as a uma diversidade de testemunhos e experiências compreensíveis.

O Capítulo II trata estritamente do trabalho e das muitas lutas das mulheres que exerceram o corte da seringa e a coleta do látex para a fabricação da borracha nos seringais do Estado do Acre, através de relatos das seringueiras. A fala e o desabafo de algo vivenciado transformam-se em um documento crível para ser analisado, retratando a condição vivida por mulheres que trabalharam como seringueiras em funções consideradas especificamente masculinas.

O Capítulo III versa, por meio de relatos as funções desempenhadas além do corte e da coleta do látex. As narrativas retratam as consequências que o exaustivo trabalho deixou na vida e na saúde das mulheres que trabalharam em seringais do Acre, assim como a realidade vivenciada por situações de absoluta dificuldade.

*A boa reputação vale mais  
que grandes riquezas;  
desfrutar de boa estima  
vale mais que prata e ouro.  
Provérbios 22:1*

## INTRODUÇÃO

O intento deste trabalho é relatar o percurso do trabalho feminino em seringais do Estado do Acre, sua importância e contribuição para o desenvolvimento do trabalho nos seringais, a diversidade de situações enfrentadas por trabalhadoras descendentes de famílias nordestinas na região, a fabricação e a venda da borracha nos seringais acreanos reativada no período que abrangeu a segunda guerra mundial envolvendo o Brasil, evidenciando quais eram as principais funções das mulheres nos seringais desde o início dos anos 1960, a partir de narrativas orais que do presente de 2014, remontam àquele período.

Por meio de pesquisas em jornais, dissertações, teses e publicações acerca do trabalho feminino em seringais do Acre e através de narrativas orais colhidas em conversas informais e entrevistas com mulheres que durante determinados períodos em suas vidas executaram tanto o corte e a coleta do látex quanto as mais diversas funções, pretende o referido trabalho salientar como as mulheres usavam seus talentos e recursos para ajudar no sustento de suas famílias. De acordo com Vieira,

Não só ao poeta, mas também a historiadores incumbe recuperar lágrimas e risos, decepções e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso de forças adversas<sup>1</sup>.

A pesquisa realizada principalmente, a partir da prática de entrevistas por referenciais teóricos da história oral, pretende evidenciar que a memória é produção social que se constitui a partir do presente, tanto quanto constitui o atual que se vive. É perspectiva da pesquisa em história que busca a revalorização dos sujeitos que, para muitos estudiosos da história e da sociedade hodierna, permanecem sem visibilidades. Nas palavras de Portelli, a utilização de fontes orais dá sentido e forma às narrações em seu contexto.

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. *A Pesquisa em História*. 4ª. edição, 5ª. reimpressão. Editora Ática, São Paulo - SP, 2005. p. 12

orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico<sup>2</sup>.

A memória é a faculdade psíquica através da qual se consegue reter e relembrar o passado expondo-se às lembranças bem como à exposição de fatos ocorridos, aos quais se assistiu ou participou. A lembrança faz com que o passado sobreviva e o passado permite fluir no interior do ser humano as imagens dos acontecimentos que marcaram toda uma história de vida, aflorando como imagem-lembrança nas palavras de Bosi,

No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí também o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. Sonho e poesia são, tantas vezes, fitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar o nome de “inconsciente”. A imagem lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia a dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente<sup>3</sup>.

A compreensão da trajetória do trabalho feminino em seringais do Estado do Acre, localizado na região norte do Brasil, a essência de suas lutas, assim como as inúmeras batalhas travadas dia a dia em busca de sustento para si e para seus familiares está bastante explícita na forma que elas usavam para desenvolver seus talentos no árduo trabalho, e na adaptação aos modos de moradia impostos pelas pessoas que detinham o poder. De acordo com Portelli, buscamos fontes orais porque queremos ouvir vozes que ainda não foram ouvidas.

Por que buscamos fontes orais? Por que trabalhamos com elas? Não só porque as pessoas que entrevistamos possuem informações de que precisamos, que nos interessam. É mais do que isso. É porque

---

<sup>2</sup> PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto história, São Paulo, (14), fev. 1997, p.33.

<sup>3</sup> BOSI, Ecleia. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 3ª ed., São Paulo, Cia. das Letras, 1995, p.49.

há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação, do scanner ao computer, excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes - que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam - tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente<sup>4</sup>.

A saga do nordestino na região norte tem especificado o trabalho nos seringais como exclusivamente masculino. Ainda que haja diversos escritos que retratam a mulher como parte integrante, poucos tem relatado com profundidade as questões sociais que abrangem integralmente a mulher como trabalhadora em seringais. É ainda pouco o que se conhece ou se menciona desse universo feminino nos seringais amazônicos. A figura masculina é sempre mais favorecida, principalmente por conta de uma tradição cultural. Como Portelli afirma acerca da informação,

Atos considerados legítimos e mesmo normais ou necessários no passado podem ser vistos agora como inaceitáveis e literalmente postos fora da tradição. Nestes casos, a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que o fizeram esconder mais que no que eles contaram<sup>5</sup>.

Os padrões familiares da condição social vivida pelas mulheres seringueiras chama a atenção pelo fato de ter se tornado frequente o envolvimento ou mesmo o exercício de mulheres em trabalhos ou funções delimitadas como especificamente masculinas. É uma condição discriminatória da divisão sexual do trabalho que foi aos poucos sendo absorvida pelas próprias mulheres brasileiras. Essas mulheres permaneceram por longo período ocultas, submetidas às incontáveis situações

---

<sup>4</sup> PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) -Artigos - Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009, p. 2.

<sup>5</sup> PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história, São Paulo, (14), fev. 1997, p. 34.

constrangedoras e desumanas pelas quais passavam com frequência em seus locais de trabalho.

Em todo o Brasil, houve uma diversidade de eventos ao longo das últimas décadas que contribuiu bastante para o crescimento e o desenvolvimento cultural da população, fazendo-a questionar os dirigentes nacionais, estaduais e principalmente o autoritarismo de patrões sobre a classe trabalhadora.

Os padrões familiares estabelecidos no ocidente através do cristianismo é que norteiam toda uma diversidade cultural, assim também no seio estrutural das famílias acreanas como afirma Wolff:

Inegavelmente, o padrão da família nuclear composta a partir do casamento de um homem e de uma mulher existe, como imagem ideal, até mesmo nas florestas do Acre, embora certamente seja relativizado pela herança cultural nordestina, em que os grupos familiares extensos dão a tônica da organização social, bem como pela presença cultural indígena, que por mais que seja negada, não deixou de influenciar os costumes locais<sup>6</sup>.

No período que abrange esta pesquisa, muitas mulheres permaneceram trabalhando nos mais longínquos seringais da região amazônica, quase sempre no anonimato. Em seringais da Amazônia Acreana, os acontecimentos vividos por essas mulheres foram intensos, sem reconhecimento, perigosos e, de certa forma, especiais, pois a cada relato exposto é possível compreender o universo feminino com um olhar direcionado às suas experiências e anseios no mais íntimo de cada momento experimentado, vivenciando uma história presente, que ainda está viva nos relatos e testemunhos, como expressa Dosse:

A outra importante singularidade da história do tempo presente é a importância de testemunhas em sua construção, ainda mais se definirmos os limites dessa história como tendo que coincidir com a copresença de seus atores, isto é, com a duração da vida humana.

---

<sup>6</sup> WOLFF, Cristina Scheibe - *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890 -1945)*. Editora Hucitec, São Paulo, 1999, p. 110.

Pelo fato de ainda existirem testemunhas vivas dos fatos relatados, a transmissão de testemunhos tem um valor matricial<sup>7</sup>.

As muitas funções absorvidas, adquiridas e cumpridas com êxito por mulheres convictas de seus papéis em meio à sociedade e principalmente no seio de suas famílias, fazem parte de uma imensidão de deveres e obrigações que as tornam capazes não só de assumir posições de responsabilidades e lideranças, como também de posicionarem-se frente a inúmeras questões políticas e sociais. De acordo com Bruschini,

Entender os movimentos de inserção dos trabalhadores no contexto mais global do mercado de trabalho não significa deixar de lado as especificidades do trabalho feminino, que não pode ser analisado sem se levar em conta o papel que as mulheres ocupam na reprodução. Mas atualmente este consenso de que a necessidade e as possibilidades que a mulher tem de trabalhar fora de casa dependem tanto de fatores econômicos quanto da posição que ela ocupa na unidade familiar<sup>8</sup>.

Refletir e escrever algo sobre trabalho feminino traz em si uma conotação, a princípio, de gênero. É, contudo, a busca por um devido reconhecimento que direciona a pesquisa acerca do trabalho feminino em seringais do Estado do Acre.

Quando um trabalho já foi executado não se vê a necessidade de expor tantos quantos o ajudaram a construí-lo, porém, faz-se necessário, nesse caso do trabalho em seringais, demonstrar que, além dos homens, muitas mulheres participaram dessa construção, essa vida de seringueiros, essa saga que retrata a vida e a vinda de famílias nordestinas para trabalhar na região norte do país.

Envolvidas em seu mundo construído no interior dos seringais, suas vidas eram marcadas pelas comemorações familiares, bem como por suas atividades e fatos corriqueiros nos quais exerciam sua especificidade, assim como acontecia com

---

<sup>7</sup> DOSSE, François. *História do tempo presente e Historiografia*. Tempo e Argumento - Revista do Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v.4, n.1, p. 5- 22, jan/jun. 2012, p. 15.

<sup>8</sup> BRUSCHINI, Cristina - *Trabalho Feminino: Trajetória de um tema, Perspectivas para o futuro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação - CIEC / Centro Interdisciplinar Estudos Contemporâneos. Rio de Janeiro. 1994, p. 181

outras mulheres no país, no momento da virada do século, sobre o qual registra o artigo sobre “mulheres pobres e violência no Brasil urbano de Raquel Soihet”.

As atividades das mulheres populares desdobravam-se em sua própria maneira de pensar e de viver, contribuindo para que procedessem de forma menos inibida que as de outra classe social, o que se configurava através de um linguajar “mais solto”, maior liberdade de locomoção e iniciativa nas decisões<sup>9</sup>.

A cultura é notadamente algo que diferencia determinados povos ou regiões e a linguagem compartilhada pelas pessoas: da mesma forma que as diferencia, também as aproxima. As atividades executadas no trabalho e a convivência com pessoas de diferentes pontos de vista direcionam as classes sociais e, por conseguinte, os conceitos adquiridos, expressando as mais variadas formas culturais com as quais é possível conviver no Brasil.

---

<sup>9</sup> PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. - artigo de Rachel Soihet - Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano (Org.) 9ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2007, p. 367.

# CAPÍTULO I

*Não só ao poeta, mas também a historiadores incumbe recuperar lágrimas e risos, desilusões e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso de forças adversas.*

*(VIEIRA, et al. 2005)*

## 1.1. O trabalho feminino no Brasil

O Trabalho feminino em todos os setores sempre foi visto como inferior ao trabalho masculino, em boa parte pelo fato de terem, as mulheres, uma estrutura definidamente mais frágil. Com o decorrer dos séculos ou mesmo da história do trabalho executado, é notório observar que a participação feminina teve importância surpreendente, apesar de suas meras limitações corporais. Nos séculos XIX e XX, a participação da mulher no trabalho em suas mais variadas formas teve seu destaque acentuado com a chegada da industrialização, como descreve Rachel Soihet em seu artigo,

A autonomia das mulheres pobres do Brasil da virada do século é um dado indiscutível. Vivendo precariamente, mais como autônomas do que como assalariadas improvisavam continuamente suas fontes de subsistência. Tinham, porém, naquele momento, maior possibilidade que os homens de venderem seus serviços: lavando ou engomando roupas, cozinhando, fazendo e vendendo doces e salgados, bordando, prostituindo-se, empregando-se como domésticas, sempre davam um jeito de obter alguns trocados<sup>10</sup>.

Construir uma vida a dois e formar uma família abrange enorme responsabilidade tanto para o homem quanto para a mulher, e o trabalho está sobreposto como vínculo fundamental para essa realização. Assim é que as famílias foram e perduram em suas mais simples formações. As famílias que surgiram nos seringais fazem parte desses princípios que norteiam toda a sociedade e persistem em assim o ser. Mulheres trabalhando além de suas atividades no lar para ajudar a manter a família e expondo-se aos comentários alheios tornaram-se comuns no período ora pesquisado, bem como em longos anos anteriores, conforme retrata Fonseca<sup>11</sup> em seu artigo “Ser mulher, mãe e pobre”:

---

<sup>10</sup> PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil* - Rachel Soihet - Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano (Org.) 9ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2007, p. 379.

<sup>11</sup> PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil* - Cláudia Fonseca - Ser mulher, mãe e pobre - “História das mulheres no Contexto, 2001, p. 249.

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”<sup>12</sup>.

As conquistas alcançadas por mulheres que se destacaram em suas mais diversificadas funções trabalhistas certamente demoraram um longo período até que pudessem ser vivenciadas. O trabalho árduo faz parte do contexto feminino desde a mais tenra idade, fato esse que é notadamente experimentado nas classes com menor poder aquisitivo.

Experiências de mulheres trabalhando como autônomas até o presente século permanecem sendo vivenciadas em meio às situações hodiernas. No século XIX o contexto do trabalho feminino estava naturalmente nivelado aos afazeres do lar. É o que se pode observar nas palavras de Del Priore acerca das mulheres do sertão nordestino.

As mulheres de classe mais abastadas não tinham atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prendas domésticas” - orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos florais, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente<sup>13</sup>.

A trajetória do trabalho feminino durante longo tempo permaneceu desvalorizada, em alguns casos esquecida ou mesmo desconhecida em solo brasileiro. Nos séculos XVI e XVII, a economia brasileira estava concentrada no Nordeste brasileiro, com as inúmeras plantações de açúcar, sendo todo esse trabalho na lavoura feito por escravos.

No século XVIII surgem as modificações nas família, trazem consigo a miscigenação racial. Contudo, para as mulheres brancas, estavam as obrigações

---

<sup>12</sup> PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. (Org.) 9ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2007, p. 516.

<sup>13</sup> Idem 11

para com a constituição da família; para as negras, o exercício do trabalho. A discriminação enraizada das classes e raças já era consideravelmente notável: as mulheres brancas tinham função matrimonial e maternal, já as negras trabalhavam em regime de servidão. Segundo Del Priore,

Cresceu na década de cinquenta a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos. Surgiram então mais oportunidades de emprego em profissões como as de enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora etc. que exigiam das mulheres uma certa qualificação e, em contrapartida, tornavam-nas profissionais remuneradas. Essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças, mudanças no *status* social das mulheres<sup>14</sup>.

No comércio do período colonial, a presença feminina também possui bastante significância, pois grande parte do mercado de trabalho era composta por mulheres.

No século XIX, a economia brasileira desenvolveu-se com intensidade na região sul, com plantações e colheitas de café. Surgiram, então, as vendedoras de rua, mais conhecidas como negras de tabuleiro ou escravas de ganho. Estas trabalhadoras tinham seu espaço na venda de produtos tais como doces, bolos, frutos, melão, queijo e leite.

O desenvolvimento do trabalho feminino teve seu destaque em meio à sociedade nos primeiros anos do século XX, com o crescimento da indústria, a chegada de imigrantes europeus ao Brasil, as inovações e as diversas transformações que ocorreram junto ao novo sistema de governo, a República.

A primeira guerra mundial, bem como a segunda, impulsionou de forma bastante peculiar o trabalho feminino, principalmente na Europa, onde inúmeras mulheres, por necessidade, assumiram muitos papéis masculinos que foram deixados em segundo plano, com a prioridade das guerras.

---

<sup>14</sup> PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil* - Artigo de Carla Bassaezi - Mulher dos anos dourados. (Org.) 9ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2007, p. 624.

Dessa maneira surgiu então o termo popular "dupla jornada", termo que explica o conceito no qual a mulher possui dupla carga de trabalho, uma trabalhando fora de casa para o sustento da família e outra cuidando ao mesmo tempo da educação dos filhos e de todos os afazeres dentro de casa, para assim, manter a dignidade do lar.

O conceito que norteia a posição da mulher como sendo inferior ao homem fez com que o reconhecimento e o valor do trabalho feminino demorassem a ser reconhecidos, porém, essas questões aos poucos foram sendo incorporadas ao universo feminino e relativamente mudadas em todos os setores trabalhistas.

Grande parte dos empregadores dá às mulheres funções relativamente difíceis e importantes, contudo, a remuneração não condiz com as funções por elas exercidas.

No Brasil a era dos direitos trabalhistas teve seu início com o Decreto 21.417 de 17 de maio de 1932<sup>15</sup>. Esse decreto discorre sobre a situação da mulher trabalhadora, bem como a protege contra a exploração social. Nesse período, as mulheres substituíam os homens em diversos postos de trabalho.

A Consolidação das Leis do Trabalho fez com que a mulher saísse de dentro do lar e de suas funções tradicionais de mãe e esposa para o mercado de trabalho. Assim também surgiu a necessidade para se criar uma legislação protetora do trabalho da mulher fora do lar. A preocupação contra a exploração da mulher e da sua força de trabalho teve seu início dessa forma.

A partir daí, diversas proibições discriminatórias quanto ao trabalho feminino foram literalmente caindo, principalmente com a questão da adoção do Princípio da Igualdade pela Constituição Federal. Exemplos claros desse fato são as prorrogações da jornada de trabalho, a insalubridade (trabalhos perigosos), o trabalho noturno e até mesmo em subterrâneos, minerações e obras de construção.

---

<sup>15</sup> Decreto 21.417 de 1932 - estabeleceu pontos essenciais: a igualdade salarial, sem distinção de sexo, a licença remunerada para a gestante, por quatro semanas antes e quatro depois do parto e a proibição da demissão da gestante pelo simples fato da gravidez.

## 1.2. Situação econômica no Acre

A situação econômica em Rio Branco nos anos 1970 não era das melhores, assim como também acontecia em muitas cidades brasileiras. Com o golpe de 64 e a inserção do regime militar a nação vivenciou um período de repressão e violência além de ter seus direitos básicos negados. A economia brasileira experimentou diversificadas situações durante esse período com a inflação em alta e as mazelas sociais tomando conta de toda a nação.

O trabalho mal remunerado fazia parte do cotidiano tanto de mulheres quanto de homens trabalhadores. O jornal *O Varadouro*<sup>16</sup> registra no mês de dezembro de 1979, que os salários permanecem baixos, mesmo com reajustes, e que os preços dos alimentos sobem consideravelmente.

A lei do salário mínimo diz que 55 por cento do ordenado que corresponderia Cr\$ 11.300,00 deve servir à alimentação. Mas uma família de cinco pessoas precisaria de Cr 5.500,00 para alimentar-se razoavelmente. O custo de vida do Acre é o mais alto do País! (O VARADOURO, dezembro de 1979, p. 15<sup>17</sup>).

A fome é naturalmente realidade construída politicamente em sociedades divididas. Famílias inteiras são prejudicadas em sua saúde por conta de uma alimentação inadequada. Crianças desnutridas não aprendem o necessário quando conseguem ir à escola, nem tampouco têm uma vida equilibrada ou bem desenvolvida.

Os pais trabalham, porém o salário não é suficiente para lhes prover o sustento vital para que possam desenvolver-se corretamente, com saúde. Segundo os preceitos da medicina, nas palavras de Pareta,

---

<sup>16</sup> O Varadouro - Jornal que circulou no Acre entre maio de 1977 e dezembro de 1981, em 24 edições. Com circulação mensal e restrita, ganhou importância e espaço no campo jornalístico acreano pelo atrelamento aos campos de luta pela esquerda e combate à ditadura civil-militar na região. Buscava formas de relação com os movimentos sociais legitimados por grupos que se apresentavam e se definiam como pobres do Acre: seringueiros, índios e colonos. Com expressões críticas e pluralistas, o jornal *O Varadouro* tem sido fonte importante para a pesquisa em história e revalorização da presença de sujeitos históricos e sua resistência na região.

<sup>17</sup> Idem 16

O ser humano é pessoa em razão da interação do ser físico, do ser psíquico e do ser social. A saúde de uma pessoa é produto desses três aspectos. As condições de saúde de uma pessoa dependem inicialmente de sua herança biológica, da qual provém suas condições somáticas e psíquicas, substrato sobre o qual intervém os aspectos referentes a sua herança social<sup>18</sup>.

Muitas crianças filhas de seringueiros, nesse período, mostravam dificuldades de recuperação quando alguma doença as acometia, devido às muitas falhas na alimentação básica. Dessa relação de precariedade de sobrevivência, são outras dimensões explicativas que se oferecem para o entendimento de misérias no meio urbano naquele momento. Segundo Antonacci,

Sujeitos do dia-a-dia da capital do Acre, Rio Branco, para onde foram empurrados no final da vida, como ex-seringueiros à procura de biscates, já que tinham sido expulsos dos seringais acreanos pelos novos proprietários da região<sup>19</sup>.

Com a situação financeira em crise, um número considerável de seringalistas chegou a fechar os seringais, expulsando famílias inteiras para a periferia de Rio Branco. Trabalhando de maneira incansável, esses trabalhadores, dentre os quais estavam as mulheres acreanas, dentro e fora dos seringais, persistiam lutando por seus direitos.

Ainda de acordo com Maria Antonieta Antonacci, o jornal *O Varadouro* é importante fonte para se dimensionar historicamente essas experiências pelas falas dos próprios trabalhadores e trabalhadoras, constituindo-se igualmente essa imprensa em força constitutiva do social naquele momento de ditadura civil-militar, impondo resistências e patamares novos de luta pela presença em suas páginas de sujeitos históricos no mais das vezes, e sobretudo naquela época, ocultados.

---

<sup>18</sup> PARETA, José Maria Marlet. *Saúde da Comunidade: Temas de Medicina preventiva e social*. Por: José Maria Marlet Pareta, Renato Meira e Carlos Affonso D'Andretta Jr. - Macgraw-Hill do Brasil, São Paulo, 1976, p. 3.

<sup>19</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. *Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de "empate" no Acre*. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão da Associação Nacional de História (Ex-Associação Nacional dos Professores de História) - São Paulo. ANPUH/Marco zero, vol. 14, nº 28, 1994, p. 253.

As vozes, opções e manifestações desses trabalhadores em suas lutas diante das tentativas de destruição e descaracterização de seus modos de ser e de viver desencadeados por expedientes acionados pelos governos militares desde o final dos anos 60, são acompanhadas através de suas falas, por intermédio do jornal *Varadouro*, e de documentos produzidos em suas lutas<sup>20</sup>.

Dimensões dessa trajetória remontam para o crescimento destacado em meio à sociedade nos primeiros anos do século XX, com o incremento da indústria da borracha, com a chegada de contingentes importantes de imigrantes à região norte, com as inovações e as diversas transformações no campo do controle e ameaça aos modos de vida de homens e mulheres de então que passam a ter que lidar com perspectivas políticas excludentes e renovadas, que se redefinem em leis, códigos de postura e demais injunções que marcam a sociedade de classes brasileira daquele momento.

A primeira guerra mundial, assim como a segunda, impulsionou de forma bastante peculiar o trabalho feminino, principalmente na Europa, onde inúmeras mulheres, por conjunturas políticas definidas, assumiram papéis masculinos que foram deixados em segundo plano, com a prioridade das guerras.

Dessa maneira, surgiu então o que é mais conhecido como dupla jornada, ou seja, a mulher trabalhando fora de casa para o sustento da família e cuidando ao mesmo tempo da educação dos filhos e de todos os afazeres dentro de casa, para assim, manter a dignidade do lar.

As práticas de exclusão social que injungem a condição feminina como inferior à masculina desvalorizaram o trabalho da mulher que, aos poucos, alcança espaço social a partir de suas lutas políticas. Fatores associados a essa realidade de resistência aos poucos conquistaram o campo dos direitos trabalhistas e outros.

De todo modo, apesar de assumirem funções antes reservadas exclusivamente aos homens, fica a dimensão da remuneração desvalorizada com relação a daqueles. Conforme Salvatici,

---

<sup>20</sup> Ibidem 19, p. 20

O conceito de “pluralidade” destacou a possibilidade de haver diferenças fundamentais em estruturas de gênero entre classes sociais, grupos étnicos, ocupações, religiões, regiões, ou nações. O que era considerado a “voz das mulheres” transformou-se em plural: narrativas femininas pareciam um coro de múltiplas vozes, e, conseqüentemente, a identidade de gênero foi complicada por identidades de classe, religião e nacionalidade<sup>21</sup>.

As questões relacionadas a gênero trazem ao conhecimento “as vozes” femininas reafirmando o conceito de classes que é estabelecido dentro das situações trabalhistas e cotidianas. No Brasil, a era dos direitos trabalhistas entrou em sistemática consolidação por leis próprias a partir de 1930, quando da exposição do Decreto nº 24.417-A de 17 de maio de 1932. Essa lei discorre sobre a situação da mulher trabalhadora, bem como redimensiona proteções legais contra a exploração de gênero.

Conforme a procura da borracha crescia nos centros industriais da Europa e dos Estados Unidos, mais se ampliava a atividade de extração do látex na região Amazônica. A exploração do látex da seringueira ocorreu da foz para o alto, tanto do Rio Amazonas quanto de seus principais afluentes.

De acordo com Martinello<sup>22</sup>, “durante o segundo surto da borracha (1942/1945), mais conhecido como batalha da borracha, ações públicas no interior dos seringais foram praticamente nulas”. No intuito de cumprir e honrar os compromissos acordados, o governo brasileiro coloca em prática violento processo de arregimentação de trabalhadores para a região.

Porém, devido às dificuldades econômicas, falta de pagamento, condições básicas de saúde e educação, muitos seringueiros abandonaram a floresta para habitar na periferia das cidades em busca de trabalho e de melhorias para seus familiares, quando a miséria em meio urbano não foi alternativa frente a perseguições ainda mais violentas no campo.

---

<sup>21</sup> SALVATICI, Sílvia. *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*. História Oral, v.8, n.1, p. 29-42. Jan-jun. 2005, p. 32.

<sup>22</sup> MARTINELLO, Pedro. *A “batalha da borracha” na segunda guerra mundial e suas conseqüências para o vale Amazônico*. Série “C” Estudos e Pesquisas. Rio Branco: EDUFAC, Universidade Federal do Acre, 1988.

O esquecimento por parte do governo foi vivenciado pelas famílias que trabalhavam nos seringais, e a adaptação a novos recursos foi surgindo aos poucos, tendo como exemplo o cultivo de castanha, muito comum nos seringais, assim como a plantação de alimentos de primeira necessidade. Segundo Albuquerque,

Se a jornada do corte da seringa propicia um isolamento do indivíduo em relação à família, mesmo quando corta em companhia dos filhos, a derrubada e queimada de áreas para o roçado, o plantio, limpezas e outras atividades vinculadas à agricultura de subsistência, implicam uma socialização do trabalho com a participação esporádica de vizinhos e, constantemente, de todo o núcleo familiar esposa e filhos<sup>23</sup>.

Outros seringueiros ou soldados da borracha não puderam voltar as suas terras de origem pelo marcante fato de nunca terem sido pagos pelos seringalistas que os contrataram, visto que alguns desses seringalistas faleceram e outros faliram, fechando assim os seus seringais que pouco produziam, além, é claro, do baixíssimo preço a que eram obrigados a negociar o seu produto.

Algumas famílias de seringueiros permaneceram nos seringais cultivando produtos alimentícios de primeira necessidade como: arroz, café, milho, macaxeira, feijão, verduras, legumes e frutas. Também passaram a criar animais, como porcos, ovelhas, patos e galinhas, tanto para consumo próprio quanto para venda.

Além disso, aderiram à caça de carne comestível, como veado, anta, paca e tatu. Estes animais, assim como os domésticos, também faziam parte do seu regime alimentar. Os trabalhadores dos seringais continuaram executando a coleta do látex e fabricando a borracha através do processo de defumação por longo período (décadas de 1970 e 1980), ainda que em baixa escala, vendendo esse produto por preços consideravelmente baixos.

Dessas relações de exploração do trabalho e precarização das condições mínimas de sobrevivência no campo, violências e formação de latifúndios, resultou o processo migratório para os centros urbanos, como efeito de expulsão das possibilidades mínimas de reprodução da própria vida.

---

<sup>23</sup> ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das garças*. EDUFAC, Rio Branco - AC, 2005 (Série Dissertações e Teses 8, p. 111)

### 1.3. Benefícios e dificuldades no âmbito trabalhista

Promulgada a Consolidação das Leis Trabalhistas, a função materna e o papel de dona de casa da mulher foram legitimados pelo Estado, surgindo a partir desse acontecimento e na esteira de lutas históricas por esses direitos, creches e outras instituições políticas como direito da mulher.

Assim, editada a Lei 6.136 de 07/11 de 1974<sup>24</sup>, o salário-maternidade tornou-se uma prestação previdenciária. Dessa forma, o empregador não teria que arcar com o salário da funcionária parturiente.

Toda a história e seu decorrer demonstram que o universo do trabalho feminino sempre foi marcado por diversas lutas e difíceis conquistas trazendo consigo situações não só de submissão, como também de resistência. As desigualdades sociais estavam refletidas na situação econômica. De acordo com Bruschini,

Nos anos 70, a expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuram um momento de grande crescimento econômico, favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive as do sexo feminino. A sociedade brasileira passa por transformações de ordem econômica, social e demográfica que repercutem consideravelmente sobre o nível e a composição interna da força de trabalho. As taxas de crescimento econômico e os níveis de emprego aumentam. O país consolida sua industrialização, moderniza seu aparato produtivo e se torna mais urbano, embora ao custo do aumento das desigualdades sociais e da concentração da renda<sup>25</sup>.

Apesar de estarem as mulheres brasileiras com seus direitos garantidos por lei, grande parte desses direitos não lhes eram outorgados pelos patrões. Ainda que houvesse risco de serem multados, diversos empregadores não cumpriam à risca a

---

<sup>24</sup> Art. 2º O salário-maternidade, que corresponderá à vantagem consubstanciada no artigo 393, da Consolidação das Leis do Trabalho, terá sua concessão e manutenção pautadas pelo disposto nos artigos 392, 393 e 395 da referida Consolidação, cumprindo às empresas efetuar os respectivos pagamentos, cujo valor líquido será reduzido do montante que elas mensalmente recolhem ao Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, a título de contribuições previdenciárias.

<sup>25</sup> BRUSCHINI, Cristina - *Trabalho Feminino: Trajetória de um tema, Perspectivas para o futuro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação - CIEC / Centro Interdisciplinar Estudos Contemporâneos. Rio de Janeiro. 1994, p. 180

legislação, e isso direcionou mulheres trabalhadoras em todo o território nacional a lutarem por seus direitos e a exigir que se fizesse cumprir aquilo que lhes era garantido. Tudo isso por meio de imposições, de questionamentos e em algumas situações, de greves. Analisando as razões da atividade feminina na divisão sexual do trabalho, Bruschini afirma,

Mas a divisão sexual do trabalho, provocando a concentração das trabalhadoras em guetos ocupacionais que se expandiram apesar da crise econômica, também pode ser apontada como uma das mais importantes razões para explicar a persistência da atividade feminina nos anos analisados<sup>26</sup>.

Algumas das lutas direcionadas pelas mulheres resultaram em mudanças diferenciadas. As leis trabalhistas são exemplo disso, pois estas leis trouxeram melhoria nas condições de trabalho da classe operária composta por mulheres.

A busca do fim da discriminação de oportunidades de trabalho para ambos os sexos também foi bastante impulsionada com a promulgação das leis trabalhistas em 1930. No entanto, por mais intensa que tenha se mostrado a luta pela igualdade entre os gêneros no âmbito trabalhista, persistiram, como se pode ver nas palavras de Bruschini, a análise quanto ao papel fundamental exercido pela mulher:

Contudo, entender os movimentos de inserção das trabalhadoras no contexto mais global do mercado de trabalho não significa deixar de lado as especificidades do trabalho feminino, que não pode ser analisado sem se levar em conta o papel fundamental que as mulheres ocupam na reprodução<sup>27</sup>.

Norteadas pela independência econômica, a mulher brasileira iniciou também sua luta pelos direitos civis. Um exemplo dessa luta foi a conquista do voto eleitoral<sup>28</sup>. Em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970, com a decadência nos salários dos trabalhadores e o aumento da necessidade econômica nos lares, as mulheres viram-se obrigadas a complementar a renda familiar. Segundo Chauí,

---

<sup>26</sup> Ibidem 25, p. 180.

<sup>27</sup> Ibidem 25, p. 181.

<sup>28</sup> Não era permitido à mulher o direito ao voto - Uma passagem importante da história política da mulher brasileira é a luta pelo voto feminino, direito este somente conquistado em 24/02/1932.

Dessa maneira, graças ao referencial legítimo e desejado, graças à família e à casa como primeiro espaço que pode ser ampliado e modificado - as “melhorias para ajudar a família” -, essas mulheres se sentem capazes de “sair de casa”, “adquirir conhecimentos”, “conhecer muita gente” e modificar a rotina doméstica sem graves conflitos com maridos e filhos<sup>29</sup>.

A preocupação com as questões salariais, a profissionalização e os direitos familiares envolvendo mulheres, a partir da década de 1950, conforma a criação no campo histórico de organizações propriamente feministas.

Essas mulheres reuniam-se em Comitês que resultavam em discussões sobre a luta pela Democracia. Porém, no período em que o Brasil viveu sob ditadura civil-militar, mais precisamente após o golpe de 1964, as organizações feministas eram vistas como subversivas no país.

Muitos movimentos sociais surgiram nesse período, e os mesmos foram necessários para eliminar discriminações bem como exigir a análise e apreciação de direitos humanos e civis, dentre eles o Movimento Feminino pela Anistia<sup>30</sup>, visto que a repressão política, as prisões, os desaparecimentos e o exílio de homens e mulheres deixavam marcas profundas e se fazia necessário lutar, como se pode ler nas palavras de Heredia:

O movimento feminino reunia mulheres em torno de causas filantrópicas e ao pertencimento à classe média e elites urbanas, fortemente vinculadas a grupos religiosos. Por outro lado, o movimento feminista emerge associado à abertura política, lutando por mudanças que incluíam o reconhecimento da especificidade e identidade femininas e, num plano mais amplo, por transformações nas relações sociais<sup>31</sup>.

Partindo do princípio de que a evolução e conhecimento das leis brasileiras direcionadas aos direitos que dizem respeito à mulher são bastante lentas, constata-

---

<sup>29</sup> CHAUI, Marilena - *Conformismo e Resistência*. 1ª. Edição 1986, 6ª. Reimpressão, Editora Brasiliense. São Paulo - SP 1996, p. 148.

<sup>30</sup> Movimento criado por mulheres durante a ditadura militar

<sup>31</sup> HEREDIA, Beatriz, Ellen F. Woortmann e Renata Menache - (organizadoras). *Margarida Alves, Coletânea sobre estudos rurais e gênero*. NEAD Especial - Apoio às Políticas e à Participação Social no Desenvolvimento Rural Sustentável. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Brasília: MDA, IICA, 2006, p. 18.

se que, apesar das vitórias conquistadas, ainda são grandes as dificuldades enfrentadas pela mulher em nossa nação.

A mulher brasileira sempre foi uma lutadora pela conquista da igualdade com o homem, algumas vezes, no anonimato e em outras ocasiões participando de passeatas ou fundando movimentos com o intuito de favorecer suas reivindicações. De acordo com Goulart,

A Convenção da Organização das Nações Unidas para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, de 1979, é um marco fundamental na revisão do direito sob a perspectiva de gênero. Esse documento foi reforçado, em 1994, pela Convenção para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, assinada pelos membros da Organização dos Estados Americanos - OEA. No Brasil, conforme destacaremos, mais adiante. A partir de 1975, com a entrada em cena do moderno movimento feminista no Brasil, várias propostas de alteração legislativa, visando a igualdade entre homens e mulheres, foram apresentadas para subsidiar as mudanças do Código Civil, particularmente na parte relativa ao direito de família<sup>32</sup>.

É comum ouvir-se dizer quando a mãe ou esposa não tem uma remuneração, que ela não trabalha, que ela é “do lar”, pois que o marido, supostamente, é quem provém os recursos para a manutenção da casa.

É como se todo o trabalho do lar não tivesse valor. Conforme RUA<sup>33</sup>, “a generalizada ausência de reconhecimento dos diversos tipos de trabalho desenvolvidos pelas mulheres é parte constituinte da dinâmica das relações de gênero”.

A mulher brasileira, batalhando pela conquista da igualdade de valores com o homem por inúmeras vezes no anonimato ou, em outras ocasiões, participando de passeatas ou fundando movimentos, evidencia o traço da luta histórica como luta política, tendo aí o eixo orientador da invenção de seu próprio destino.

Levando-se em consideração o lento e penoso avanço no campo dos direitos e patamares legislativos de conquistas a partir da luta política dessas mulheres,

---

<sup>32</sup> GOULART, *Sonia*. *As mulheres e os direitos civis* - Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero. CEPIA, Rio de Janeiro, 1999, p. 20.

<sup>33</sup> RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam - *Companheiras de luta ou “coordenadoras de painéis”?* *As relações do gênero nos assentamentos rurais*. UNESCO, Brasília, 2000.

compreende-se que também pelo campo da memória a luta se trave, como trabalho social de formação de sua presença como sujeito histórico.

Apesar das vitórias alcançadas e conquistadas, ainda são grandes as dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Segundo Heredia,

Discussões como o reconhecimento de domínios produtivos, revisão de direitos consuetudinários, equiparação de direitos legais das produtoras rurais sobre a terra, acesso a crédito, etc. ao mesmo tempo que abriam novas perspectivas para pesquisas sobre grupos camponeses, contribuíram também para uma maior consciência das próprias mulheres rurais concernente à cidadania. Com a incorporação da perspectiva de gênero, acrescentam-se a essa linha de estudos as questões relativas ao direito sobre o corpo e à sexualidade, por exemplo. Paralelamente, vários direitos foram conquistados pelas mulheres rurais, muitos deles, implementados por políticas públicas comprometidas com a causa feminista e de gênero. (HEREDIA, 2006, p. 19<sup>34</sup>)

O tempo extenuante cumprido pelas mulheres nos locais de trabalho é realidade que não se passa somente nas grandes cidades, acontecendo também nas pequenas cidades interioranas, nas vilas e, quanto ao período aqui estudado, nos seringais da Amazônia Acreana da década de 60. No meio rural era comum mulheres trabalhando sem qualquer remuneração. Além disso, muitas dessas trabalhadoras iniciaram sua jornada de trabalho ainda bastante jovens, a fim de ajudar no sustento de seus lares. Outras, em número bem maior, para ajudar seus companheiros em sua batalha pelas estradas de corte de seringa.

Conforme relata Heredia, organizadora da Coletânea sobre estudos rurais e gênero, as mulheres “abriram os olhos”.

Aos poucos, as mulheres foram percebendo que seu trabalho era importante na luta pela terra e que estavam à frente, devendo participar do espaço público, não só do privado. Foi quando começaram a abrir os olhos e encarar a luta de reivindicações, até nos espaços onde os maridos faziam parte, por exemplo, na

---

<sup>34</sup> HEREDIA, Beatriz, Ellen F. Woortmann e Renata Menache - (organizadoras). *Margarida Alves, Coletânea sobre estudos rurais e gênero*. NEAD Especial - Apoio às Políticas e à Participação Social no Desenvolvimento Rural Sustentável. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Brasília: MDA, IICA, 2006, p. 19

associação de trabalhadores rurais nos assentamentos. E nós começamos a discutir a nossa identidade<sup>35</sup>.

As trabalhadoras de Rio Branco aqui entrevistadas, que durante longo período travaram dura batalha nos seringais, souberam reivindicar direitos e lutar por seus modos de vida, inclusive no campo da memória, muitas vezes reconstruindo esses laços afetivos e relações de existência e resistência posteriormente no meio urbano.

O trabalho feminino foi de vital importância, porém sem reconhecimento, conforme descreve Nascimento em seu artigo sobre o trabalho silencioso da mulher no interior da floresta, ressaltando a importância e o significado do trabalho executado por mulheres em seringais amazônicos,

Embora o trabalho da mulher no cotidiano do seringal não ficasse em nada a dever ao trabalho executado pelo homem, a estrutura da sociedade do seringal não admitia o contrato de trabalho enquanto seringueira e, em consequência, não era permitido o seu cadastramento no Barracão e movimentação de conta no mesmo. Neste sentido, todas as ações da mulher eram contabilizadas de forma indireta, através do nome de seu companheiro, mesmo que este não estivesse mais vivo. Esta situação inviabiliza a aposentadoria das mulheres na categoria de seringueiro, com direito a receber dois salários mínimos<sup>36</sup>.

Algumas dessas mulheres que acabaram por ficar sozinhas, seja por viuvez ou por abandono, tornaram-se exímias seringueiras para sustentar sozinhas os seus pequenos filhos. Estudar o paralelo social destas trabalhadoras, bem como sua luta, sua cultura e seus valores desperta a pesquisa em compreensão de saberes rotineiros, porém, bastante pessoais, como o que se observa pelas orientações para a pesquisa em história por Vieira et al.

É desse modo que entendemos história social. Neste sentido, interessam ao investigar as lutas reais; não só aquelas que se expressam sob formas organizadas (sindicatos, partidos,

---

<sup>35</sup> Ibidem 34, p. 26

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Maria das Graças. *O Espaço Ribeirinho: migrações nordestinas para os seringais da Amazônia*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-DG/USP, São Paulo, 1996, p. 2.

associações várias) como também as “formas surdas” de resistência, estratégias ocultas de subordinação e controle<sup>37</sup>.

Muitas mulheres propuseram-se a viajar para um lugar desconhecido por amor aos pais, ou mesmo por amor aos maridos, outras por um desejo de viver uma vida mais digna longe da seca que castigava o sertão nordestino, qualquer que fosse a justificativa, atendendo ao chamado do governo Vargas e decidindo trabalhar numa terra tão distante da que no momento residiam.

O sonho de ter propriedades, boas condições financeiras, que habitualmente permeia a mente do ser humano, também era o sonho de muitos nordestinos que para a região norte se dirigiram.

Muitos trabalhadores não resistiram às duras condições de trabalho encontradas no interior da floresta (Amazônia acreana), agravados por doenças como a malária e outras condições adjacentes àquelas precariedades. Mesmo bem antes, no início do século XX, durante a batalha contra os bolivianos, a maior parte da produção ficou mesmo por conta das mulheres.

Segundo Souza<sup>38</sup>, “elas passaram a produzir mais borracha, pois agora além do trabalho normal no corte da seringa, tinham de realizar os trabalhos dos homens que estavam na guerra”. Isso torna evidente o argumento de que o trabalho feminino nos seringais foi de vital importância para o desenvolvimento da região amazônica. Valendo ressaltar as mulheres como integrantes nessas batalhas ocorridas, visto que as mesmas permaneceram trabalhando tal qual os homens.

O fato de ter a mulher obrigações para com o marido e a casa, constitui-se sempre em frases feitas como: “é dona de casa”, “não trabalha”, “é do lar”, etc., anulando-se o valor do trabalho feminino, tratando-o como insignificante ou mesmo inexistente, e contribuindo para a ausência da sua presença na história.

As mulheres que trabalhavam nos seringais, assim como as que trabalham na cidade, tem a sua condição de sujeito histórico frequentemente ocultada.

---

<sup>37</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. *A Pesquisa em História*. 4ª. edição, 5ª. reimpressão. Editora Ática, São Paulo - SP, 2005, p. 18.

<sup>38</sup> SOUZA, Carlos Albert Alves de - *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre* - Instituto de Pesquisa, Ensino e Estudos das Culturas Amazônicas - Rio Branco, 2010.

É possível aproximar perspectivas da exploração do trabalho imposta a essas mulheres seringueiras, com os acontecimentos ocorridos na vida de trabalhadoras de indústrias da cidade de São Paulo. Tanto estas mulheres se conscientizam de sua condição de sujeitos sociais e políticos, quanto absorvem e consideram seus direitos e obrigações por serem responsáveis pelo sustento ou por parte dele na família. Como afirma Sader,

A consciência de seus direitos consiste exatamente em encarar as privações da vida privada como injustiças no lugar de repetições naturais do cotidiano. E justamente a “revolução” de expectativas produzida por essas mulheres esteve na busca de uma valorização da sua dignidade, não mais no estrito cumprimento de seus papéis tradicionais, mas sim na participação coletiva numa luta contra os que consideraram as injustiças de que eram vítimas<sup>39</sup>.

A situação vivenciada por cada uma das mulheres seringueiras trabalhando de sol a sol nas estradas<sup>40</sup>, cortando seringa, defumando a borracha e cuidando dos filhos, e dos afazeres de suas casas, as levou a uma produção social da memória em que se veem como trabalhadoras e participantes da própria história.

Entende-se o trabalho da mulher como jornada dupla, ou mesmo tripla, o que se potencializa em meio familiar desigual nas relações de gênero, haja vista as responsabilidades com as funções exercidas para o bom andamento da casa, e o trabalho fora, para manter o próprio sustento e dos seus.

Ao saírem dos seringais para a cidade passaram a enfrentar dificuldades ainda maiores para com o provento de seus familiares. Sem instrução ou saber que as qualificasse para determinadas funções profissionais, muitas mulheres propuseram-se a lavar roupas para as famílias que dispunham de condições para pagar por seus devidos serviços.

No entanto, com a desvalorização desse trabalho, organizam-se então por melhores condições de vida, mobilizando-se a partir de valores que são os da sua

---

<sup>39</sup> SADER, Éder. *Quando novos personagens entraram em casa: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970/80*. 1ª. edição. Editora Paz e Terra S/A. Rio de Janeiro, 1988, p. 222.

<sup>40</sup> Estradas - caminhos abertos no seio da floresta direcionando aos locais onde estavam as seringueiras. Essas “estradas” eram feitas pelos seringueiros que as usavam diariamente para cortar a seringueira e “colher” o látex.

própria cultura. Em março de 1979, mais de quinhentas lavadeiras reúnem-se na Catedral de Rio Branco, para, unidas, imporem fim à exploração por relações de trabalho doméstico em “casas de família”.

Lavar roupas é trabalho desgastante, para o qual percebiam as condições injustas de remuneração, o que se agravava pelas violências praticadas por patroas. De acordo com notícia do jornal *O Varadouro*.

Foi um espetáculo bonito: mais de 500 lavadeiras reuniram-se na Catedral de Rio Branco para aprovar uma tabela de preços, preparada por elas mesmas, pois aprenderam que quem deve resolver seus problemas são elas mesmas, e mais ninguém. Foi sobretudo uma demonstração convincente de como as classes populares podem se organizar e reivindicar seus direitos e fazer valer sua força. Conseguiram até que sua tabela fosse publicada nos jornais e lida nos rádios<sup>41</sup>.

A conquista dessas trabalhadoras se evidencia como produção a partir de suas próprias lutas, por não se conformarem, por resistirem, por não desanimarem. Aceitar caladas as imposições e injustiças daquelas funções e trabalhos era sofrimento demasiado.

Ainda assim, viviam retaliações nesse meio, quando eram impostas divisões do movimento para se enfraquecer a luta, boicotar ou mesmo dispensar as trabalhadoras, a fim de se contratar quem cobrasse menos.

A falta de respeito para com a mulher trabalhadora e para com o serviço executado, bem como a desvalorização evidente das suas experiências tornou claro o descaso quando algumas patroas chegaram a chamar o movimento daquelas trabalhadoras de movimento de “comunistas”, quando o mesmo contava com o apoio da Igreja Católica através da prelazia do Acre e Purus, como também destaca o jornal *O Varadouro*.

Mas apesar dessas trapaças, o “movimento” continua firme e estão sendo dados todos os passos para a fundação da “Associação das Lavadeiras”. Mais um aspecto estimulante: em outros municípios,

---

<sup>41</sup> O Varadouro – Jornal Acreano março de 1979, p. 26.

como Quinari e Sena Madureira, as lavadeiras estão seguindo o mesmo exemplo de suas companheiras de Rio Branco<sup>42</sup>.

A união e a resistência dessas mulheres lavadeiras fizeram com que a remuneração em alguns cargos fosse revista e principalmente valorizada. As discussões em torno das formas de desigualdade que afetam essencialmente as mulheres articulam a ideia de autonomia e independência da mulher, valorizando o trabalho feminino como realização pessoal.

O movimento, no entanto, tinha suas contradições; a classe média, por exemplo, para a qual o trabalho feminino era visto como realização pessoal e autonomia financeira, nem sempre era tão politizada quanto a classe trabalhadora mais necessitada, ou seja, a forma de se ver as situações ou os questionamentos não era a mesma vista pelas mulheres de camadas populares, pois, para elas, o trabalho fora de casa não era, absolutamente, uma escolha, mas opção única de sobrevivência.

A politização da violência doméstica, a legalização do aborto, as desigualdades sociais, as questões salariais e principalmente a ditadura civil-militar fizeram com que surgisse um forte clamor feminino pela abertura política no país.

O movimento feminista associa-se assim ao conjunto do movimento de esquerda mais amplo, vinculado à luta pela anistia e contra a ditadura.

Discussões sobre a libertação feminina, os baixos salários e o trabalho excessivo da mulher sofrendo toda sorte de discriminações, executando tarefas diversas, sendo submetida ao jugo da exploração, e, principalmente, desvalorizada, eram assuntos corriqueiros em meio à população feminina.

Aquelas mulheres acreanas, segundo registros do jornal *O Varadouro*, recuperaram os sentidos dessas lutas de outras regiões e igualmente amplas: “E a mulher acreana? Onde se encaixa? Como se vê diante de tal situação? ”

Por isso seu inimigo principal mudou: não é mais o homem, como se pensava na época do surgimento dos movimentos feministas nos

---

<sup>42</sup> Idem 41

EUA e na Europa. Hoje, seu principal inimigo, é, segundo tais movimentos, todo um sistema social que oprime tanto mulheres quanto homens<sup>43</sup>.

Os movimentos feministas deram ênfase à valorização da mulher como trabalhadora no mundo moderno abrangendo todo o Continente Europeu, bem como o norte-americano e os demais países onde o crescimento da indústria desenvolveu-se acompanhado de formas próprias de luta e resistência.

Formas essas reinventadas e adaptadas ao sistema cultural como modo de vida global. Os valores foram, aos poucos, mudando, dando lugar a novos direcionamentos, novas opiniões, novas decisões dos ideais de vida.

---

<sup>43</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, abril de 1981, p. 10

## CAPÍTULO II

*Para alguns, a história oral é uma construção, uma narrativa, enquanto que para outros é uma forma de aproximação de setores sociais “sem história”. Em alguns casos é considerado como uma metodologia de pesquisa, enquanto outros a veem como um ramo da história equivalente a história social ou a econômica. Para amplios setores profissionais a história oral, por sua subjetividade é uma mera construção literária, enquanto que para aqueles que a praticam tem em seu significado uma profunda renovação intelectual.*

*(Pablo Pozzi, 2012)*

## 2.1. A Mulher acreana

A região nordeste viveu períodos em que a terra, concentrada por latifúndios e exclusões sociais de todo tipo, impunha o regime da seca como condição da qual apenas os grandes proprietários podiam escapar. A migração, nesse meio, é política e se explica pela história de disputas e contradições de uma sociedade dividida em classes.

Como afirma Lima<sup>44</sup>, “aliciados por uma campanha maquiavélica de arrematação de mão de obra, depois da guerra foram abandonados no meio da selva sem opção de retornar às suas plagas originárias. ”

Nesse campo social, a mulher nordestina, que naquele novo meio se fez seringueira, se organiza de dentro de uma cultura em que também indígenas estavam presentes, movimentando-se inclusive em lutas armadas de enfrentamento. Exemplo disso foram os empates<sup>45</sup>.

A mulher seringueira descende de familiares que vieram para a região mediante um contrato de trabalho assinado pelo governo federal na década de 1940. Contudo, foram esquecidos após ter sido alvo de exploração, bem como de injustiça social e econômica, permanecendo como alvo da dominação dos patrões Seringalistas.

Nos relatos de “Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre<sup>46</sup>”, Souza sintetiza esse drama: “afinal, Deus estava no céu, o governo federal estava longe e, no seringal, mandava o seringalista”. O contrato de trabalho não passava de mera formalidade verbal. No interior da floresta muitos seringalistas não davam nenhuma atenção aos direitos dos seringueiros.

---

<sup>44</sup> Frederico Alexandre de Oliveira Lima. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

<sup>45</sup> O empate - movimento organizado pelos próprios seringueiros, para impedir a destruição, tanto da fauna como da flora. O Movimento dos Pequenos Agricultores do Acre assina o manifesto "Governo devasta a floresta: vamos empatar" no qual convoca a população a impedir a retirada de madeira do projeto de manejo sustentado da Floresta Estadual do Antimary.

<sup>46</sup> SOUZA, Carlos Alberto Alves de - *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre* – Instituto de Pesquisa, Ensino e Estudo das Culturas Amazônicas – Rio Branco, 2010.

A forma como era vista a mulher acreana, era indiscutivelmente diferente do olhar sobre as demais mulheres brasileiras em meados dos anos 1970. Como boa parte delas era oriunda de seringais, segundo a representação dominante daquele momento, esta era a mulher que não tinha fama, que não aparecia nos jornais, tampouco esbanjava beleza. Uma mulher que trabalhava todos os dias em funções como lavadeira, como servente, doméstica ou, mesmo em reduzido número, como funcionária pública.

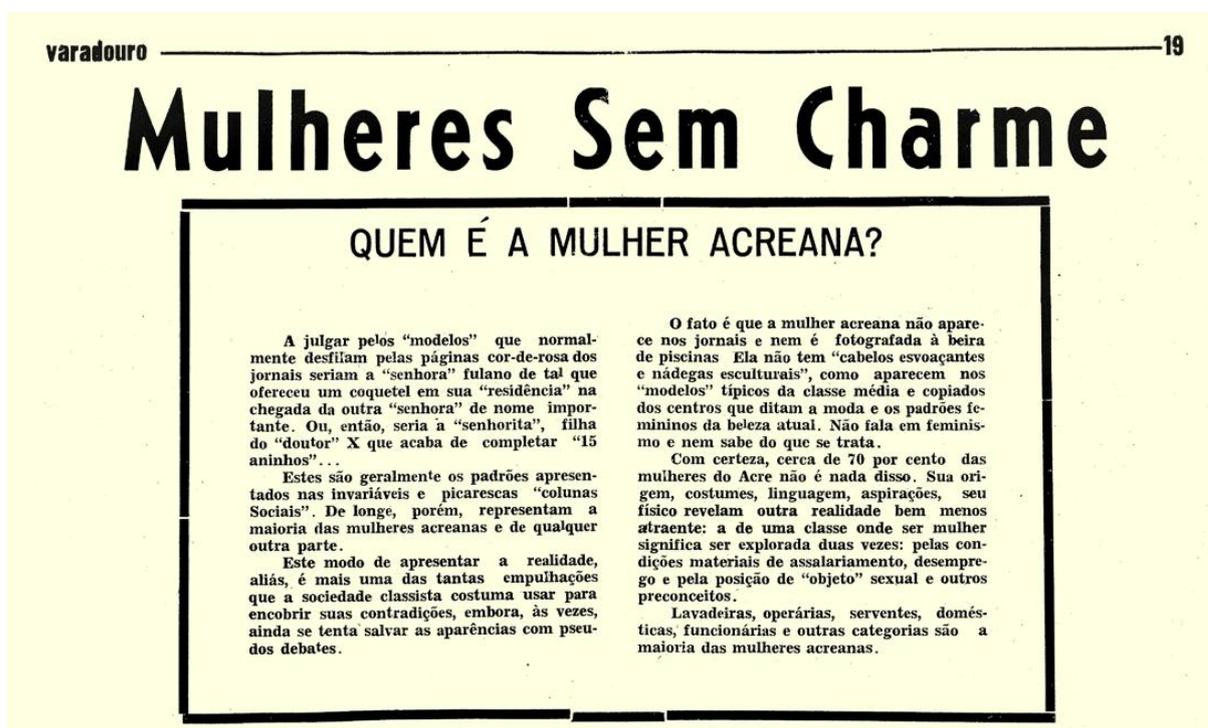


Figura 1 - Imagem da página do jornal o Varadouro de Dezembro de 1977

Com diversos relatos e várias entrevistas com mulheres seringueiras no Estado do Acre, o historiador Carlos Alberto de Souza ressalta tanto a importância que o trabalho feminino teve durante o período áureo da borracha, quanto depois, na segunda fase; a dos soldados da borracha.

Sua obra está repleta de citações sobre o universo das mulheres e de suas vidas nos seringais, bem como de longos relatos de trabalhadoras, verdadeiras lutadoras que ainda vivem nestes locais que fora outrora de tamanha importância para a produção da borracha.

Destaca ainda o autor, uma série de entrevistas feitas por ele durante sua pesquisa em várias cidades do interior do Estado do Acre.

Souza afirma que: “as mulheres nordestinas constituíram modos de vida na região acreana, mas acabaram excluídas dos escritos de uma historiografia economicista”.

Relatar esse universo do trabalho feminino em um breve período de tempo não vai trazer à tona todas as dimensões dessa experiência, porém, tem o intuito de revalorizar o trabalho da mulher como parte importantíssima no mundo do trabalho, o qual é, no mais das vezes, ocultado por estudos e problematizações oficiais no campo da pesquisa em história sobre os soldados da borracha nos seringais da região norte, ou mais precisamente no interior do Estado do Acre. Segundo Lima,

Esses sujeitos são homens e mulheres, indivíduos em cujo cotidiano, por meio de suas experiências próprias, construíram um caminho para a sobrevivência no interior de um mundo duro, violento e árido como o chão de onde partiram. Nessa jornada, que é também de desenraizamento, de perdas e abandonos, recusam, afirmam, resignificam identidades e papéis sociais, moldando-se conforme seus interesses e os imperativos das tensões, contradições, conflitos e resistências a que se veem envolvidos. Contudo, não são sujeitos abstratos e homogêneos, despersonalizados e com vontades determinadas, como queria a historiografia tradicional<sup>47</sup>.

De acordo com a bibliografia pesquisada, boa parte é bastante específica com a expressão “o soldado”, ou “o nordestino”, sempre usando o termo que prefigura o masculino. Poucos são os que mencionam a trajetória de nordestinos como soldados da borracha, falando também da existência de mulheres em meio a esse contingente. Alguns na verdade, citam em um pequeno parágrafo algo relacionado à família.

Depois da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra e o bombardeio dos navios brasileiros pela esquadra alemã, o Presidente da República, Getúlio Vargas, optou por apoiar os países aliados. Os norte-americanos, preocupados com

---

<sup>47</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013, p. 16

a produção de matérias-primas necessárias a manutenção da guerra, logo impõem suas camisas-de-força aos países da América Latina.

Para Washington, o Brasil tinha uma importância estratégica, já que era o segundo maior produtor de borracha vegetal, produto necessário para aquelas demandas bélicas. Outro grande produtor dessa matéria-prima estava no campo das relações dos japoneses, no Sudeste Asiático.

Vários acordos foram assinados entre o Brasil e os Estados Unidos, conhecidos como os Acordos de Washington<sup>48</sup>. Dentre esses acordos, a maioria dizia respeito à produção, comercialização e exportação da borracha vegetal. O governo brasileiro diante do compromisso com os norte-americanos, convocou mais de 50 mil brasileiros, em sua maioria nordestinos, para o serviço militar, encaminhando-os para a região norte.

Considerando o efeito propagandista causado, houve novo surto da produção da borracha no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, quando aumentou a demanda por esse produto, quando os brasileiros, sujeitos ao serviço militar, tinham que escolher entre lutar na guerra ou trabalhar como seringueiros na Amazônia. Os que para cá vieram ficaram conhecidos como Soldados da Borracha. De acordo com Lima,

Seria equivocado pensar que os *Soldados da Borracha* ficaram inertes e a mercê da correnteza da história, sem esboçar reação. Esses homens, mulheres e até crianças, foram sujeitos de sua própria história e, do contato com essa nova realidade, construíram uma nova relação com o ambiente em que viviam e com as populações que lá estavam<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> Com a assinatura dos Acordos de Washington, ficou estabelecido que o governo norte americano passaria a investir no financiamento da produção de borracha amazônica. Em contrapartida, o governo brasileiro faria o encaminhamento de grandes contingentes de trabalhadores para os seringais, decisão que passou a ser ideologicamente tratada como um heroico esforço de guerra.

<sup>49</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p. 145.

Simonian<sup>50</sup>, que aborda o trabalho das mulheres seringueiras na Amazônia Brasileira, descreve-o dando ênfase à persistência de uma ideologia sexista que faz com que esse trabalho árduo seja encarado como trabalho de homem, fazendo com que assim a atuação das mulheres nessa atividade seja silenciada, fato que contribui para que se formem imagens negativas de mulheres como feiticeiras, mulheres dominadas pelos espíritos da natureza, ou alusões sexistas como “aquela mulher era o homem da casa”.

Uma boa parte dessas nordestinas lutadoras, batalhadoras, verdadeiros “soldados da borracha”, ainda vive nos seringais. Algumas já são falecidas, seja por doenças ou pela idade elevada, mas os fatos ocorridos ainda permanecem vivos na memória de seus descendentes, em passagens que não são muito fáceis ou “agradáveis” de se relatar.

Outros impõem grandes esforços pessoais no campo daquelas subjetividades para serem lembrados, como por exemplo, os casos de incesto e violência vivenciada por tantas mulheres nos seringais amazônicos, de onde a justiça esteve sempre muito distante de ser exercida com igualdade de direitos.

Inúmeras famílias acreanas formaram-se a partir desse novo contingente migratório de soldados da borracha. Boa parte destes soldados que vieram solteiros casaram-se, ou simplesmente decidiam amigar-se (morar juntos como marido e mulher sem a cerimônia de casamento) nas colocações, nos seringais e nas vilas próximas aos seringais. Nas palavras de Lima,

Esses sujeitos são homens e mulheres, indivíduos que, por meio de suas experiências cotidianas, constroem identidades sociais, moldando-se conforme seus interesses, contradições, conflitos e resistências. Não são sujeitos abstratos e homogêneos, despersonalizados e com vontades determinadas como queria a historiografia tradicional<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> SIMONIAN, Lígia T. C. - Mulheres da Floresta Amazônica entre o trabalho e a cultura Belém: UFPA/NAEA, 2001.

<sup>51</sup> LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p. 116.

Muitos homens nordestinos dirigiram-se para a região amazônica neste período, assim como suas famílias, para trabalhar nos seringais instalados no interior do Amazonas, Rondônia e Acre. O Soldado da borracha, ao instalar-se nos seringais, formou sua família e, com a ajuda da esposa e dos filhos, trabalhou anos a fio.

O companheirismo da mulher junto ao esposo na divisão e distribuição do trabalho nos seringais no interior do Acre era visível; enquanto os homens cortavam a seringueira e colhiam o látex, muitas mulheres, além de ajudá-los no corte e na coleta, também cuidavam de plantações de arroz, feijão, macaxeira, legumes e verduras, que serviam para o sustento da família.

Os governos dos Estados amazônicos interessados organizaram serviços de propaganda e concederam subsídios para gastos de transporte. Formou-se, assim, a grande corrente migratória que fez possível a expansão da produção de borracha na região amazônica, permitindo à economia mundial preparar-se para uma solução definitiva do problema<sup>52</sup>.

Conforme Furtado, os governos dos Estados Amazônicos contribuíram para esse crescimento do comércio de borracha que se concentrou nas principais cidades da região norte, como Belém e Manaus, e trouxe imensas riquezas capazes de lhes dar uma aparência mais moderna; com boas casas e prédios públicos suntuosos, enquanto nos seringais vivia uma população empobrecida, sem atendimento médico, sem instrução, que era proibida por alguns seringalistas até mesmo de fazer suas roças, de modo a não perder o tempo que deveria ser primordialmente aplicado na fabricação da borracha.

Na Amazônia, mais precisamente no interior dos seringais do Estado do Acre, a situação das mulheres trabalhadoras, apesar de muito diferente da situação de outras mulheres no restante do país, aproximam de certa forma esses sujeitos históricos, pelo campo das mazelas enfrentadas e resistências organizadas, ou conformados de forma menos evidente, como sentimento de injustiça, memória dessas dores, e a aposta no direito de compartilhá-las.

---

<sup>52</sup> FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 10ª. Edição. Companhia Editora Nacional. São Paulo – SP, 1970. p. 133.

As horas excessivas de trabalho, o excesso de discriminação pelo fato de serem mulheres, o autoritarismo dos patrões, das patroas, dos pais e dos maridos era fato cotidiano para a maioria delas. Além, é claro, da tristeza em se obter pouco retorno financeiro pelo trabalho executado ou, em algumas ocasiões, nenhuma remuneração.

A decisão de trabalhar inicia-se desde cedo na vida das mulheres, tanto pela necessidade de ajudar os pais quanto por se habituarem a exercer as mais diversas funções em seus lares. Com a chegada do casamento, trabalhavam para ajudar o marido no sustento da família. Quando viúvas ou abandonadas, assumiam com todo vigor a liderança da família.

Segundo Albuquerque, que relata o cotidiano dos trabalhadores do Muru, a vida nos seringais e a construção da sobrevivência era uma luta diária experimentada pelas famílias. A sensação de abandono em locais isolados, a dificuldade de alimento ou mesmo de direitos os direcionava a adaptarem-se da melhor maneira possível.

Essas práticas, experimentadas por grupos de trabalhadores e consolidadas em espaços localizados, sinalizavam não apenas uma constante diversidade das atividades desses sujeitos, mas conflitos que conduzem à afirmação de novas identidades, à proporção que alteram suas relações com a natureza, expressão típica de suas culturas<sup>53</sup>.

Inúmeras atividades exercidas pelas mulheres no mundo das florestas e dos seringais denotam a influência que as mesmas exerciam sobre seus familiares, bem como a responsabilidade que lhes era atribuída.

O trabalho com fontes orais dá a essas mulheres a possibilidade de serem ouvidas e de exporem suas experiências nas lutas, nos enfrentamentos, na dura lida do trabalho e, principalmente, na dificuldade de reconhecimento, evidenciando vozes que são suas e próprias no campo social da produção de suas memórias.

A experiência do trabalho, sem dúvida, é dimensão que marca a vida das pessoas de modo determinante. Em uma série de pesquisas feitas através de coleta

---

<sup>53</sup> ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das garças*. EDUFAC, Rio Branco - AC, 2005, p. 115 (Série Dissertações e Teses 8).

de relatos em conversas informais com mulheres seringueiras foi possível constatar muitas experiências vivenciadas por elas.

Deixando-as falar em seu próprio tempo, abrindo espaço para que direcionassem suas lembranças ao conteúdo da pesquisa, foi notória a clareza das exposições de sentimentos. Nas palavras de Portelli, a entrevista abre um espaço de narração oferecido por alguém que está ali para escutar.

Porque a subjetividade, os sentimentos, as paixões são coisas de História que talvez sejam mais importantes do que as coisas da política; são uma política mais funda, mais radical, que faz parte do sangue e das veias das pessoas com quem falamos. Então, a entrevista não é um ato de extrair informações, e sim o abrir-se de um espaço de narração, um espaço compartilhado de narração, em que a presença do historiador oferece ao entrevistado alguém que está ali para escutá-lo, coisa que não lhe ocorre com frequência<sup>54</sup>.

Levando em conta que as entrevistas se efetivaram dentro do que se compreende por história oral e memória, são necessários alguns esclarecimentos sobre este procedimento em que o objeto de estudo do pesquisador ou historiador é recuperado através de memórias como fontes, revalorizando experiências e valores próprios dos sujeitos históricos. Lembra ainda Portelli que,

Na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma e outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor do que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos. Mas a depreciação e a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tornando estas fontes ou meros suportes para fontes tradicionais escritas ou cura ilusória para todas as doenças<sup>55</sup>.

O papel do historiador consiste em compreender a diversidade de situações em que se apresenta seu objeto de estudo. Obedecendo a um tempo que ele mesmo pode delimitar, sua função pode estender-se ou ser rápida de acordo com o

---

<sup>54</sup> PORTELLI, Alessandro. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) – Artigos – Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009, p. 4.

<sup>55</sup> PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história, São Paulo, (14), fev. 1997, p. 26.

desenvolvimento de suas pesquisas e investigações, organizando suas formas de atividade em torno do que estuda. Conforme Pozzi,

Se a história significa que, “é o ser humano em sociedade através do tempo”, quer dizer que não existe realmente uma essência particular da história oral que a diferencie da história tradicional. Ainda a história oral seria uma divisão da história, igual a história econômica, ou a história social, ou a história de gênero. Sua especificidade humana decorre do eixo central de sua ciência por ter a subjetividade humana como elemento determinante de práticas e dos afazeres<sup>56</sup>.

De acordo com Amado<sup>57</sup>, “na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre sujeito e objeto de estudo”. Isso implica em organizar materiais recolhidos com o intuito de revalorizar a memória de determinados processos, entre grupos, momentos e pessoas, e que existem observações importantes a serem analisadas. Emoções afloram e as expressões e silêncios necessitam ser também registrados. Nas palavras de Portelli,

As fontes históricas orais são fontes narrativas. Daí a análise dos materiais da história oral dever se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore. Isto é tão verdadeiro no testemunho recolhido em entrevistas livres quanto nos materiais de folclore organizados de modo mais formal<sup>58</sup>.

A produção social da memória em função desse diálogo estabelece uma importância primordial. É como juntar pedaços de lembranças, fragmentos de situações que ficaram esquecidas na memória e retornam através de narrativas, num campo social que é o da produção histórica presente entre duas pessoas que dialogam.

---

<sup>56</sup> POZZI, Pablo. Revista do Programa de Pós Graduação em História – UDESC. Vol. 4, nº 1, Florianópolis Jan/Jun. 2012, p. 62.

<sup>57</sup> AMADO, Janaína e Marieta de Moraes Ferreira (Organizadoras) – Usos e Abusos da História Oral. 3ª. Edição, Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>58</sup> Ibidem 55, p. 29.

O relato adquirido em entrevistas torna-se documento e expõe a realidade vivenciada por pessoas que sobreviveram a situações de absoluta dificuldade no âmbito do trabalho e em determinados períodos em suas vidas. Segundo Silva,

A memória é marcada, portanto, por dimensões de invenção, seleção e combinação temáticas no social, que se diferenciam do passivo acúmulo, deixando patentes caracteres de disputa em sua definição<sup>59</sup>.

O processo de recuperação da memória de determinadas épocas ou situações tem em si suas peculiaridades. É necessária análise sucinta do que se ouve e se encaixa verdadeiramente no propósito pretendido para a pesquisa. Durante a entrevista é possível perceber que os relatos estendem-se além do necessário, contudo, é notadamente absorvido e compreendido.

## 2.2. O ato de cortar e colher

A pesquisa feita por meio de narrativas orais de situações vivas, jamais estáticas, na memória de determinadas pessoas traz à tona uma diversidade de testemunhos e experiências compreensíveis no campo histórico e social.

A fala, o desabafo, o relato de um tempo vivido de forma marcante, transforma-se em um documento crível para ser analisado e estudado. A busca por tal documento requer cuidado e organização. De acordo com Silva,

Certamente, o apelo ao oral e audiovisual deve ser conduzido com o rigor e o cuidado que todo estudo histórico requer, buscando, inclusive, a precisão máxima ao organizar informações. Articular narrativas coletadas com outros materiais disponíveis sobre as experiências que abordam não corresponde a “corrigir” o que um narrador falou sobre suas experiências nem a transformar seu pensamento em mera fonte “complementar”<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. 1ª. Reimpressão, Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 2003, p.68.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 75.

A entrevista é um método que busca diálogo a partir de indagações a respeito de determinadas experiências. É através de tais entrevistas, esclarecimentos, relatos e experiências únicas que se obtém, de fato, a história oral, a história falada, contada por quem a viveu, com sotaque próprio, que segue preservado pelas presentes transcrições, como dimensão da oralidade e que pode servir para importantes análises históricas.

Nas palavras de Portelli<sup>61</sup>, “a história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador”.

A entrevista levanta ambas as partes para uma consciência da necessidade por mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações. Do mesmo modo que a hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante<sup>62</sup>.

Para a pesquisa foram selecionadas mulheres que trabalharam como seringueiras em meados dos anos 1960 a 2014 em seringais do Acre, e que se fizeram presentes em momentos diferenciados nestes locais, trabalhando, além da seringa, também na roça, em plantações e colheitas, criando animais domésticos, bem como em muitas outras funções, incluindo o trabalho de donas de casa, o cuidado com os maridos, a criação e a educação de filhos.

Dessas mulheres entrevistadas é própria experiência revalorizada no campo da memória presente que evidencia história e resistências. Observa, Alessandro Portelli, que

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra pessoa possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos,

---

<sup>61</sup> PORTELLI, Alessandro: O que faz a história oral diferente - in PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP, 1981.

<sup>62</sup> PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história, São Paulo, (14), fev. 1997, p. 10.

interatuando, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida<sup>63</sup>.

Através dessas pesquisas foi possível verificar a espécie de trabalho que se propagou e que, infelizmente por muito tempo perdurou, não só na região norte, mas também em outras regiões brasileiras. Um trabalho árduo ou mesmo, “trabalho-escravo”, em que ecoam sentidos da realidade histórica vivida por homens e mulheres negras escravas no Brasil de outros períodos, conforme estuda Slennes<sup>64</sup> quando retrata a família escrava, bem como seu sofrimento e resistência, as condições de vida dos escravos e os casamentos que asseguravam ao casal um espaço separado na senzala. Segundo Portelli,

Muito mais que documentos escritos, frequentemente carregam a aura impessoal das instituições que a editaram – mesmo se, naturalmente, compostos por indivíduos, que de quem sabemos pouco ou nada – as fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade<sup>65</sup>.

No interior dos seringais do Estado do Acre, do trabalho árduo e, de certa forma, “escravo”, recuperado por experiências e modos próprios de vida e de luta, forja-se a família, que, aos poucos, adquire espaço nos barracões, tanto para sobreviver quanto para permanecer juntos em meio a tantas adversidades oferecidas diariamente.

Em Raízes do Brasil<sup>66</sup>, Sergio Buarque de Holanda fala da ideia de trabalho aventureiro, quando relacionado ao trabalho de mulheres nos seringais, o que é exemplificado nas ações destemidas, no desejo de vencer, na força interior que as faz lutar e perseverar em seus objetivos de sobrevivência por todos os dias.

Dona Nazaré Neves da Costa, pertencente à uma família de origem nordestina, por exemplo, nasceu no seringal e viveu no seringal até bem pouco

---

<sup>63</sup> Ibidem 62, p. 9.

<sup>64</sup> SLENES, Robert – Na senzala uma flor: esperanças e recordações da família escrava – Brasil, Sudeste, século XIX. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>65</sup> PORTELLI, Alessandro: *O que faz a história oral diferente* - in PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP, 1981, p37.

<sup>66</sup> Sérgio Buarque de Holanda. 1902 – 1982 – Raízes do Brasil. 26ª. Edição, Editora Companhia das letras. São Paulo, 1995.

tempo. Acostumou-se a ver seus familiares e conhecidos “aventurando-se” de forma destemida no trabalho, nas estradas de seringa que adentravam a floresta. A mesma direcionou a conversa falando de suas experiências de vida e de trabalho de uma forma concisa, relacionando o que considerava interessante comentar.

Tenho 67 anos, nasci no seringal Porto Luís no rio Abunã, me casei... cuidava dos filhos e dos serviços de casa, ajudava o marido na colheita na volta do gapó da anta, pescava e caçava. ... ajudava na seringa colhia... carregava cavaco, rachava, botava fogo. O pagamento da borracha era feito com alimentos que durava 15 dias... a troca era o aviamento, era feita a nota. No começo no seringal que trabalhava na boca do rio Ituxi na divisa do Acre com o Amazonas, o patrão não permitia que fizesse roça, era uma escravidão..., e quando o seringueiro tirava saldo, marcava um encontro na beira do rio, mas era assassinado e o jagunço voltava com o dinheiro. (Nazaré Neves da Costa<sup>67</sup>)

Em sua narrativa, Dona Nazaré relata que trabalhou por 47 anos em seringais no interior do Estado do Acre. Descrevendo com precisão alguns detalhes, sua fala é repleta de experiências que vão surgindo, trazendo à tona as dificuldades enfrentadas desde sua juventude, trabalhando de forma incansável para ajudar no sustento de sua família.

Declara que saiu do último seringal no interior de Xapuri para morar na cidade há somente cinco anos, porque um fazendeiro os expulsou de lá sem nenhum direito, sem benefícios que os ajudassem a se manter na cidade.

Como os filhos mais velhos já moravam na cidade, ajudaram-na a erguer-se, pois a idade avançada a impede de trabalhar como antes. Quando indagada sobre o cultivo de alimentos nos seringais ressalta que,

Eles não permitia plantação nessa época... mas depois do.. desse outro governo, da ditadura, é que foi que eles começaram fazer plantio. Deixar... tinha alguns seringalista que num deixava... mas não eram todos. Tem muito seringalista que deixava o seringueiro

---

<sup>67</sup> Nazaré Neves da Costa – Trabalhadora seringueira – entrevista concedida em 03/09/2014 (in memórias)

fazer o roçado, nessa época a gente chamava roçado. (Nazaré da Costa<sup>68</sup>)

Quando Dona Nazaré menciona fato de que foi na ditadura que foi permitido o plantio do roçado, em compreensão própria que refere para ideologias que marcam a memória oficial do golpe civil-militar de 64 na região, igualmente evidencia ambiguidades que expõem o poder de eventualmente “deixar” ou “não deixar”, colocando direitos no campo da permissão, ou não, daqueles latifundiários seringalistas.

Apesar de não compreender exatamente os conceitos políticos ou mesmo sociais que detinham o poder, fica bastante clara a sua expressão de que o governo mandava: dava ordens e as mesmas eram executadas.

Eram autoridades que ela não conhecia de fato, porém, compreendia quem é que tinha autoridade para dar ordens e exigir que as mesmas fossem cumpridas.

A vida nos seringais transcorria de forma particularmente diferente da vida nas cidades. O tempo marcado pelas horas de trabalho estava distante do que se compreende habitualmente.

Albuquerque descreve a forma definida para cada situação ou ocasião na concepção de homens e mulheres que trabalhavam em seringais.

Diferente de nosso tempo cronológico, no cotidiano das matas os homens e mulheres vivem um tempo sincronizado com valores que, embora sofram transformações ao longo dos anos, vêm se mantendo de geração em geração: é o tempo das chuvas, da estiagem, do açai, do patoá, do corte da seringa, tempo de brocar as estradas e empauzar as árvores, tempo de preparar os roçados, fazer a coivara, plantar, tempo de entregar a borracha ao barracão ou marreteiro, enfim o tempo das caminhadas que separam distâncias não em quilômetros, mas em horas de “*andanças*” pelos caminhos, varadouros e estradas de seringa<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> Nazaré Neves da Costa – Trabalhadora seringueira – entrevista concedida em 03/09/2014 (in memoriam)

<sup>69</sup> ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das garças*. EDUFAC, Rio Branco - AC, 2005, p. 39. (Série Dissertações e Teses 8)

Observar o tempo exato para o plantio era experiência que se cultivava em relações históricas que se conformavam por dimensões de vivências familiares implicadas na luta pela sobrevivência em meio de trabalho tão adverso.

O saber, o aprendizado comum é normalmente repassado pelos familiares mais velhos, que, por meio das mais diversas funções exercidas no âmbito dos seringais conseguiam ensinar aos filhos tudo o que de melhor aprendiam.

Não era comum ter escolas nos seringais ou mesmo nas proximidades. Quando indagada se havia escolas próximas ao seringal onde morava, Dona Nazaré respondeu que não, e que, por esse motivo é que os filhos iam saindo aos poucos dos seringais para a cidade, em busca de estudos nas vilas mais próximas.

Nunca estudou, mas sabia “contar, fazer as contas”, e elas sempre tinham resultado satisfatório.

... nunca estudei nunca.... (Mas sabe assinar seu nome?) Sei não... Sei nada... o que eu sei um pouquinho é conta... Conta eu sei, eu tiro as conta e dá certo...eu gostava muito era de caçar, pescar. Era da seringa, que era dali que a gente tirava alimentação. Eu criava muita galinha, porco, pato... eu criei muita galinha... demais. (Nazaré da Costa<sup>70</sup>)

Dona Francisca, senhora filha de seringueiros que mora atualmente em Rio Branco, apresenta narrativa que evidencia perspectivas de resistência também pelo campo afetivo e das relações pessoais. Ela afirmou que por ser uma das filhas mais jovens, nasceu em uma época privilegiada.

O seu pai conseguiu comprar uma pequena colocação<sup>71</sup> chamada “Por Enquanto”, com a ajuda da mãe e dos outros filhos, estes, que trabalhavam todos juntos.

Ela relatou ainda com pesar a história da mãe já falecida, mas que foi uma exímia seringueira. Veio para a Amazônia com o esposo e três filhos no início dos anos 1940. No navio, durante a longa viagem, seu marido e dois de seus filhos caíram doentes e morreram.

---

<sup>70</sup> Nazaré Neves da Costa – Trabalhadora seringueira – entrevista concedida em 03/09/2014 (in memoriam)

<sup>71</sup> Colocação – nome comumente usado pelos seringueiros para identificar pequenos seringais. Na colocação ficava o tapiri, lugar de moradia do trabalhador seringueiro.

A princípio ela abateu-se pela situação, ficando sozinha com um filho, numa terra estranha. Posteriormente conheceu um seringueiro, casou-se e foi trabalhar com ele no seringal, tendo dessa união mais dois filhos.

Mas esse seringueiro era malvado... e maltratava minha mãezinha, aí ela fugiu dele e na fuga ela conheceu o meu pai né... Ele ajudou ela a se esconder e a fugir pra mais longe. Aí ele se apaixonou por ela... Ela era muito bonita, apesar de já ter filhos. E ela era muito trabalhadora, conquistou meu pai logo de cara. Trabalharam muito numa colocação por nome "Alemanha"... e eles plantavam de tudo, criavam bichos... os filhos ajudavam, era um lugar cheio de fartura. Minha mãe acordava de madrugada, ia com meu pai pra estrada... cortar... quando voltava ela ajudava ele a defumar o leite, fazer as borrachas. Lá pelos anos 60, 70 eu tirava nota, gostava de ajudar meu pai com o gado... de cozinha eu não queria nada. (Dona Francisca<sup>72</sup>)

No contexto comercial do período, toda a produção de borracha era mandada para Manaus. Tudo que se fabricava nos mais longínquos seringais ia para um lugar tão distante quanto o reconhecimento de tão importante trabalho.

A vida dura de trabalho exaustivo deixava pouco tempo para o lazer e a religiosidade. Dona Noêmia, de 84 anos, filha de seringueiros, e hoje residente na cidade de Manaus, narra sobre experiência e sobre o privilégio de ter a mãe que a ensinou a ler e escrever. A mãe, também seringueira, viúva, casou-se com um seringalista da região e, por ser muito religiosa, transmitia seus conhecimentos aos filhos, aos vizinhos e aos empregados. O estudo, como fator preocupante, tão necessário e inacessível para algumas mulheres, aparece então como "privilégio" para dona Noêmia.

Tenho 84 anos, nasci no Acre no seringal Califórnia. O seringal Califórnia fica na extrema de Cruzeiro do Sul e Feijó na fronteira próximo ao Peru... sou filha de seringueiros... meu pai cortava o dia todo... vida muito dura, muito longe da cidade, até correio ia de canoa. Quando meu pai morreu, minha mãe casou de novo e meu padrasto era seringalista e ela ficou trabalhando no seringal Jurupari onde teve mais quatro filhos. Eu fui privilegiada porque minha mãe aprendeu a ler e a escrever e nos ensinou, a coisa mais dura que eu

---

<sup>72</sup> Francisca Neves da Costa – Filha de seringueiros, morou nos seringais Por Enquanto e Alemanha - Entrevista concedida em 03/09/2014

passei na vida foi estudar carta de abc. Minha mãe ensinava a nós e aos empregados a ler e ainda catequizou todo mundo... na casa dela tinha de tudo e tudo era festejado... a quaresma, semana santa, natal... todo o ritual... e ela fazia as orações. (Noêmia de Sousa Lima<sup>73</sup>)

Na sequência dos relatos ela descreveu situações cotidianas, umas agradáveis, outras nem tanto, mas que ficaram marcadas em sua memória. Os mais diversos perigos enfrentados faziam-na acostumar-se com as adversidades da floresta. Diariamente sentia-se na obrigação de ser forte, ir à luta e não fraquejar. Enfrentar o dia a dia tornava-se rotina e já não havia estranheza, tanto pelo momento experimentado, quanto pelo saudosismo que faz parte da vida não somente desta senhora, como também de diversas outras mulheres que trabalhavam silenciosamente nos mais longínquos seringais da região amazônica que abrange o Estado do Acre.

Ai eu me casei com um seringueiro com 18 anos em 1947... Ai com ele nós cortou seringa... foi muito dura a vida de casada com seringueiro. Tinha que acordar de madrugada e eu ajudava ele a cortar seringa. Quando era já de tarde era hora de colher o leite, eu pegava uma espingarda e o cachorro... aí ia encontrar com ele. Uma vez eu peguei uma chuva, uma tempestade tão grande no meio do mato, e eu fiquei com tanto medo... e de lá viemos pra Eirunepé, lá nós moramos quatro anos e viemos pra Manaus em 1966. (Noêmia de Sousa Lima<sup>74</sup>)

Da prática de realização dessas entrevistas evidenciam-se dimensões da satisfação em narrar, talvez pela surpresa quanto ao interesse de outro em buscar saber sobre suas memórias, suas experiências de vida, revalorizando-as.

Na residência de Dona Geni de Sena, senhora de 81 anos, atualmente morando em Manaus, ela relata que trabalhou durante quatro anos cortando e colhendo. Uma das filhas da mesma, no momento da entrevista, disse em tom de brincadeira: “ela adora falar desse tempo e nem sempre encontra quem queira ouvir”.

---

<sup>73</sup> Noêmia de Souza Lima – Trabalhou no seringal acreano “Califórnia”, mora atualmente em Manaus – entrevista concedida em setembro de 2012

<sup>74</sup> Idem 73

Sua narrativa em tom suave, deixa transparecer a saudade dos bons momentos vividos em companhia dos pais e dos irmãos, mesmo em meio ao trabalho exaustivo que em determinadas situações parecia ainda mais duro.

Eu tenho 81 anos. Eu nasci e me criei no seringal Independência acima de Carauari próximo ao Rio Juruá. Cortei seringa dos 17 aos 20 anos, de inverno a verão, e me casei com 14 anos. Durante quatro anos eu cortei seringa com meu pai e meus irmãos no interior do Amazonas. O pai da minha mãe morava em Tarauacá no Acre e criou-se lá... Ela nasceu em Óbidos e cresceu lá. Minha mãe ficou viúva em Tarauacá e o tio dela foi buscar ela pro seringal dele, o Boana no Juruá... aí ela casou-se com meu pai que era seringueiro e morou uns anos lá. (Geni de Sena Queiroz<sup>75</sup>)

Quando indagada sobre as maiores dificuldades enfrentadas no período em que trabalhou no seringal, ela falou que eram diversas as contrariedades experimentadas, porém acreditava que maiores dificuldades enfrentavam os cearenses.

Assim, contou sobre dois amigos que chegaram certo dia à casa de seu pai quando era ainda bem menina. Ambos haviam enfrentado tempestades e muita fome dentro de uma canoa, fugindo de seu patrão, desejando desesperadamente retornar ao Ceará.

O pai os abrigou, e ainda deu dinheiro para que chegando a Manaus, pudessem embarcar no navio e voltar para a sua terra. São dimensões de resistência que surgem de narrativas como essa, evidenciando relações de solidariedade e compadrio em meio social de repressões e fortes perseguições àqueles trabalhadores.

Meu pai se aposentou como agricultor... lam de um seringal pra outro, não tinha paradeiro. Essa era a dificuldade naquele tempo. As coisas não eram tão caras quanto tá agora, o dinheiro era mais pouco. Meu pai e meus irmãos cortavam... A entrega da borracha era de 15 em 15 dias e eu cortava só pra comprar roupa pra mim que a mamãe costurava. No seringal independência era assim: meu pai mandava buscar os doentes e tratava deles. Papai fazia só uma

---

<sup>75</sup> Geni de Sena Queiroz – Nasceu e cresceu no seringal Independência, mora atualmente em Manaus – entrevista concedida em setembro de 2012

compra, comprava banha de porco e nunca deveu um centavo a patrão nem ele nem meus irmãos... eram livres. (D. Geni)<sup>76</sup>

As dificuldades enfrentadas por essas famílias ainda permanecem vivas, oriundas de um compromisso que não foi cumprido como fora prometido, observando-se, contudo, importantes passos políticos mais recentes quanto ao reconhecimento de direitos e indenizações desses soldados da borracha e de seus descendentes pelo governo brasileiro.

Iniciar o trabalho muito jovem também era condição corriqueira no interior dos seringais. Grande parte das mulheres acreanas tiveram sua infância recheada de muitas tarefas obrigatórias para o bom andamento da casa, servindo como importante apoio para a manutenção, inclusive financeira, de suas famílias, o que dimensiona perspectivas importantes sobre a experiência de ser criança naquele meio.

Sentidos dessa realidade aparecem pela narrativa de Dona Cleuzimar Moreira, trabalhadora, seringueira, que nasceu e cresceu no seringal Oriente às margens do Rio Iaco<sup>77</sup>, próximo ao município de Sena Madureira.

Viajando de canoa do referido seringal custava um dia inteiro para se chegar até a cidade de Sena Madureira. Dona Cleuzimar cortava seringa e ajudava ao Pai e ao irmão na coleta do látex com uma poronga na cabeça para iluminar o caminho escuro no interior da floresta em plena madrugada.

Meu nome é Cleuzimar, é... eu... eu nasci no seringal Oriente no Rio Iaco, um dia de Sena Madureira pro seringal, e a minha vida lá era acompanhar o meu irmão cortar seringa né... eu andava nas estradas de seringa mais o irmão e então com aquela poronga na cabeça pa iluminar a seringa, colher, colher o leite, então a minha vida eu sou filha de seringueiro, meu pai hoje já é falecido, eu num tive infância, eu com dez anos meu pai colocou nós cedo pra

---

<sup>76</sup> Idem 75

<sup>77</sup> Rio Iaco é afluente do rio Purus e é navegável até o município de Sena Madureira. Apresenta profundidade média de 1,0 m, no período das secas e tem como afluentes os rios Caetés e Macauã, de grande importância no escoamento de castanha e borracha.

trabalhar e nós durmia, nós num tinha durmida, nós era oito irmãos, e muito pobre. (Cleuzimar da Penha Moreira<sup>78</sup>)

Os momentos de dificuldade enfrentados por Dona Cleuzimar e por seus familiares evidenciam o cotidiano de grande parte da vida de mulheres acreanas que trabalharam nos seringais, tanto naqueles mais distantes quanto nos mais próximos às cidades. A vida repleta de sacrifícios e esforços diários para que fosse possível ter alimento e vestimenta era comum a todos.

Eu cheguei a dormir em colchão de capim, minha mãe fazia colchão de capim. Vinha aqueles saco de açúcar de primeiro, minha mãe batia aqueles saco pra botar nós pra dormir em cima. Meu pai faleceu, eu com vinte anos, eu tinha dezenove anos nós viemo embora pra cidade que foi Sena Madureira, com três anos eu me casei, e morei lá dois anos em Sena Madureira. (Cleuzimar da Penha Moreira<sup>79</sup>)

Apesar de diversos momentos difíceis, as lembranças direcionam a um sentimento comum em algumas mulheres que travaram a dura vida nos seringais, uma mistura de lamento com saudade fluindo ao narrar suas experiências. As narrativas, em sua maioria, apresentam-se adicionadas por um conteúdo de valor não reconhecido pelo labor.

Contudo, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, para Dona Cleuzimar, por exemplo, não existem somente lembranças ruins. Havia alguns momentos agradáveis que causavam saudade, ou mesmo vontade de retornar ao passado. Assim ela discorre sobre o que havia de bom, mesmo em meio às lutas diárias.

Eu tenho saudade daquela vida, assim, às vezes eu começo pensar assim: eu queria ter aquela vida de novo, eu queria pra mim ter aquela liberdade de andar, tomar aquele ar puro, é mas que... mas que num era bom num era porque... quando eu era mais menor o meu irmão botava a poronga que nós saia quatro horas de casa pra andar o espigão da estrada, quem é seringueiro sabe disso, nós

---

<sup>78</sup> Cleuzimar da Penha Moreira – trabalhadora seringueira, mora atualmente em Rio Branco – Acre. Entrevista concedida em 04/09/2014

<sup>79</sup> Idem 78

andava esse espigão pra poder pegar a estrada pra começar a cortar, aí nós saia quatro horas, aí, nesse intervalo, quando nós saia de casa o meu Pai botava a poronga na cabeça pra alumiar aonde nós tava pisando e quando nós chegava lá, na seringa, o meu (irmão) apagava a dele pra ele subir, eu colhia, eu subia a escada de oito degrau em cima, em cima pra pegar as tigela pra depois descer com as tigela de leite e, nesse intervalo que meu irmão tava cortando, tinha e ele pedia pra mim inclinar minha cabeça assim com a poronga pra clarear onde ele tava cortando. E também era variado, meu Pai reservava; um dia era dela outro dia era meu. (Cleuzimar da Penha Moreira<sup>80</sup>)

A liberdade em desfrutar da floresta, respirar o ar puro, andar sem medo, sem preocupações com o dia de amanhã, como é comum a uma criança, é o que direciona a saudade que sente Dona Cleuzimar, evidenciando ambiguidades e resistência naquele meio social de tantos sofrimentos.

Apesar de relatar sua história de vida em meio ao trabalho exaustivo, deixa clara também a lembrança dos bons momentos desfrutados em sua infância junto de seus familiares.

No município de Bujari, região metropolitana de Rio Branco, encontra-se Dona Francisca Cesário Chagas. Mulher trabalhadora, seringueira de 64 anos, trabalhou no Seringal Mercedes localizado próximo à cidade de Rio Branco em meados dos anos 1960. Em meio a inúmeras dificuldades, ajudava a família nos afazeres comuns a todos da casa.

Com trajetória de experiências que a aproxima das demais mulheres seringueiras entrevistadas, Dona Francisca desde cedo teve dos pais a orientação de que o trabalho era necessário a todos, independentemente de sua idade ou compleição física.

Tanto meninos quanto meninas acostumavam-se ainda crianças a cuidar dos afazeres de casa e ajudar na coleta do látex para a fabricação da borracha. A sua narrativa é recheada de recordações interessantes, a partir do diálogo sobre quando havia começado a trabalhar e as tarefas por que era responsável no seringal.

---

<sup>80</sup> Idem 78

Minuciosamente, Dona Francisca relata sua trajetória de trabalho que repetia-se dia após dia no corte da seringueira, na coleta do “leite” do látex e, principalmente, no campo das técnicas de fabricação da borracha.

Foi... no ano, bem... eu tinha dez ano né, de lá pra cá eu tenho 64... aí o nosso serviço era assim, nós roçava, quando terminava de roçar aí nós ia... armava as bandeirinhas e cortava, aí todo dia a gente ia cortar, cortar, aí quando chegava em casa, aí aquecia o leite, aí ia defumar, todo dia, todo dia a gente ia cortar. Eu num ganhava dinheiro não. Era só pra ajudar a famia mesmo. (Francisca Cesário Chagas<sup>81</sup>)

Contudo, dimensionando uma experiência em que o trabalho árduo e não remunerado, desde tenra idade não era acidente, mas condição social igual a de muitas famílias naquele meio, dona Francisca lembra do seringal Mercedes como lugar tranquilo e que ainda traz boas recordações.

As estradas de seringa e mesmo a floresta, tão pouco conhecida, não era vista somente como misteriosa ou inexplorável, era também algo agradável, admirada por sua exuberância e beleza.

A mesma expõe em sua fala não só as situações difíceis, mas também considera um privilégio ter tido por tanto tempo o contato com a natureza, aquela prática de trabalho a partir da qual se fez experiente de muitos e variados saberes, quando lamenta não ter mais disso nos dias atuais.

É fato que as muitas lutas e dificuldades do dia a dia de mulheres que trabalharam desde criança nos seringais as levam a considerar ruim o trabalho e a vida que tinham. Perguntada sobre dimensões dessas dificuldades e modos próprios de lidar com tantas adversidades, dona Francisca Cesário, com sorriso de resistência nos lábios, de quem conheceu depois daquele tempo violências diferentes no meio urbano, responde que aquele foi um tempo também de coisas boas.

Não naquele tempo, é... nós achava bom, nós achava bom... na mata, a matinha fria né, a gente saía as cinco hora da manhã,

---

<sup>81</sup> Francisca Cesário Chagas – Trabalhadora Seringueira aposentada, mora atualmente em Bujari - Acre - Entrevistada em 06/09/2014

chegava as cinco da tarde, era muito bom, era friinha a mata, era bom né? (Francisca Cesário Chagas<sup>82</sup>)

Após passar longo período de sua vida trabalhando no seringal com todas as dificuldades, mas também com as alegrias que como sujeito histórico soube criar em meio aos seus, dona Francisca ainda discorre sobre as lutas e como era o trabalho na agricultura.

Hoje lamenta o fato de que o acesso a uma boa alimentação é bem mais difícil para quem vive com apenas um salário, a aposentadoria. Ressalta que sente falta das terras, ou seja, do seringal no qual plantava roça, apostou no valor das experiências e saberes de agricultora e desfrutava desses alimentos plantados e colhidos, como por exemplo frutas, legumes e cereais.

Eu cortei seringa até os 22 anos, fiquei só trabalhando no roçado e em casa. Plantava roça, feijão, arroz, milho, mamão, abacaxi... Não vendia, era só pro consumo. Num tinha nem essa BR não existia, pa gente saí lá donde eu morava pa ir lá pa Rio Branco a gente gastava 10 dia de varador, a lama dando no joelho, ia a pé... o seringal tá tudo fazenda hoje... morando no Bujari... Aqui o negócio é difícil. Aqui se a pessoa num for aposentado, nem o dinheiro pra comer num tem, num tem terra pra plantar. (Francisca Cesário Chagas<sup>83</sup>)

É perceptível em sua fala o lamento, principalmente pelas necessidades oriundas do dia a dia. No momento, morando no pequeno município de Bujari, estado do Acre, dona Francisca luta para sobreviver com uma pequena aposentadoria do Instituto Nacional de Seguridade Social, com a qual compra alimentos para si e para os demais parentes que moram com ela, duas filhas e dois netos.

Não foi alfabetizada, não tem documentos para provar que trabalhou na seringa e na agricultura. Assim, não pode ser também beneficiária como os já conhecidos soldados da borracha alcançaram nos últimos anos a partir de suas lutas políticas históricas. O governo brasileiro dos últimos dez anos instituiu através de leis o direito à aposentadoria para que homens e mulheres, trabalhadores de uma

---

<sup>82</sup> Idem 81

<sup>83</sup> Francisca Cesário Chagas – Trabalhadora Seringueira aposentada - entrevistada em 06/09/2014

forma geral, recebam a sua restituição por tantos anos de trabalho e dedicação à nação.

Dona Valdete Vasconcelos da Silva, jovem senhora seringueira, nascida e criada em um seringal acreano, traz em sua narrativa, a descrição sucinta de como se trabalhava com a borracha no seringal, detalhes muito vivos em sua memória.

Tem ainda forte a lembrança dos momentos de infância ao lado dos irmãos, quando todos ainda viviam juntos no mesmo seringal, trabalhando e ajudando o pai nas estradas de seringa, na coleta do leite que o pai já havia feito nas primeiras horas da manhã e na fabricação da borracha.

Em uma conversa informal relatou sua experiência de trabalho diário no seringal e enumerando as atividades corriqueiras descreveu com clareza como acontecia toda a execução do corte da seringueira, da coleta, da alimentação nas estradas de seringa e do cuidado com o “leite”, para não derramar.

Esse período, eu tinha uma idade de 7 a 12 anos, foi de 67 até 72, então eu lembro muito bem como era a vida lá, não é?! No alto já bem dentro da Bolívia, no alto do Rio Abunã, no seringal Alemanha, ficava bem próximo de uma das últimas cidade na região do rio Abunã, então eu lembro muito bem como era esse cotidiano. Eu via meu pai levantar aí por volta de duas às três da manhã, pra fazer aquele primeiro alimento que ele levava pra estrada, ele chegava bem tarde, então ele tinha que levar, ele comia lá, se alimentava lá na mata. Sempre era uma comida seca, uma farofa, uma coisa bem difícil de estragar né, porque ali ele começava a cortar uma primeira, geralmente era o que, uma estrada, era uma estrada que tivesse de sessenta a setenta árvores, nessa primeira ele ia riscar e instalar a tigela pra colher o leite. Então na segunda parte é que nós entrávamos, eu e mais outros irmãos pequenos que eu tinha, que era colher, pegar, sair pegando as tigelinhas e despejando no balde, como eram estradas grandes as de perto de casa a gente fazia. Então a gente pegava, quando dava mais ou menos ali sete ou oito litros de leite, a gente conseguia colher, até mesmo porque nós não ia dar conta de carregar aquele saco, era um saco cortiçado pro leite, a gente ia jogando dentro, tinha que ter muito cuidado né, fácil de virar, fácil de derramar, então tudo a gente tinha que ter muito cuidado pra colher aquele leite, botar no saco, amarrar, botar na costa e trazer. Uma outra parte que a gente andava muito pra ajudar ele, que meu Pai ele cortou seringa trinta anos, eu digo isso com muito orgulho, muito prazer, porque tinha uma parte que nós ajudávamos, depois dessa segunda fase do trabalho, de trabalhar com o leite, já por volta ai das quatro horas da tarde, quando ia chegando com esse leite todo, em determinado dia da semana que ele não fosse cortar seringa, ele ia pra mata escolhia uma arvore

boa, pra fazer cavaco, eram pedaços quase todos iguais, era feito com machado mesmo, batia, forçava o cabo e rachava o pedaço, tudo em ordem e eu e meu irmão, carregava os cavacos para casa. (Valdete Vasconcelos da Silva<sup>84</sup>)

A resistência de mulheres acreanas trabalhando em seringais mostrou-se sempre como verdadeira luta travada no interior da mata, nos lares, em meio às próprias famílias, onde também aconteciam as mais diversas dificuldades.

A vida nos seringais era dura, porém, para as famílias que conseguiam ter roçado, plantações variadas ou mesmo criação de animais, oportunidades alimentares menos difíceis se faziam presente nas mesas.

Nos anos 1970, com a falência de muitos seringalistas, a situação tornou-se caótica para diversas mulheres seringueiras. Algumas famílias foram expulsas dos seringais onde residiam por tanto tempo, sendo desprovidas de quaisquer direitos. Saíram dos seringais em busca de trabalho e moradia nas vilas e cidades próximas, submetendo-se aos mais exaustivos trabalhos, lutando para sobreviver na nova selva, a selva sem mata, selva de casas, de ruas, e, principalmente, de desconhecidos em relações sociais e modos de vida estranhos.

O jornal *O Varadouro* registra a resistência de mulheres trabalhadoras esforçando-se para dar alimentação e moradia digna aos seus familiares, e lutando pela criação de um sindicato para as lavadeiras de Rio Branco. As leis trabalhistas não as alcançam e a remuneração seu trabalho pelas “patroas” não condiz com a quantidade enorme de esforços exigidos.

Trabalhar muito e ganhar um salário consideravelmente baixo, se fez realidade corriqueira. Homenageando a uma mãe de família como a “economista do ano”, o jornal *O Varadouro* destaca uma lista básica de alimentos como feijão, arroz, açúcar, café, leite em pó, batata, carne, cebola, alho, em que evidencia dificuldades a partir dos valores então cobrados em pequenos comércios.

---

<sup>84</sup> Valdete Vasconcelos da Silva – Trabalhadora Seringueira - entrevistada em 03/09/2014

Pode parecer aos mais atentos que houve esquecimento de incluir algumas básicas na cesta de alimentos D. Lindaura. Por exemplo, frutas. Não, não houve esquecimento. Frutas não fazem mais parte da alimentação dos trabalhadores acreanos<sup>85</sup>.

## DONA LINDAURA, A ECONOMISTA DO ANO

Que tal o prêmio de "Economista do Ano" para dona Lindaura de Souza Silva? Conseguiu sobreviver mais um ano com Cr\$-1.380,00. Ela mais oito filhos e três netos. Eis o verdadeiro "milagre brasileiro", aliás, "acreano": viver com o mais alto custo de vida do País com o mais baixo salário mínimo regional.

Por mais que as autoridades e órgãos oficiais insistam em dizer que o aumento salarial foi suficiente para repor o poder de compra do trabalhador - inflação tanto, reajuste salarial tanto, blá, blá, blá... dona Lindaura e os demais trabalhadores acreanos, que ganham salário mínimo (Cr\$-868,40), continuam afirmando que, "no mês passado, o dinheiro deu e agora não dá mais". O que não é difícil de comprovar quando se tem como amostra algumas famílias de um dos bairros populares de Rio Branco, como o da Estação Experimental.

Pelos seus depoimentos a primeira conclusão a que se chega é a de que o salário está sendo suficiente apenas para cobrir (quando consegue!) as exigências mínimas da alimentação, ou seja, dá apenas

para sobreviver. Convém explicar isso direito! é suficiente apenas para o trabalhador, reunir algumas forças para levantar todas as manhãs e se dirigir ao trabalho. Salário, aliás, foi substituído com essa finalidade, não? Mas o que se quer mesmo dizer é que o trabalhador já não pode mais pensar em outras "extravagâncias", como vestir, calçar, divertir-se, repousar etc.

Restringindo, pois, o raciocínio a esse dado elementar, imediatamente salta aos olhos uma segunda conclusão: por força da inflação (leia-se modelo econômico e político, arrocho salarial etc.), essas famílias atestam que foram obrigadas a modificar seus hábitos alimentares. Foi necessário diminuir sempre mais a variedade ou qualidade; a quantidade, não, porque não era mais possível restringir.

A maioria foi, obrigada, há anos, a suprimir uma das refeições. Em tempos passados, havia o café da manhã, o almoço, o lanche da tarde e a janta. Hoje, a rigor, são feitas apenas duas refeições. Café da manhã e lanche viraram "tapeação" e são servidos só para as crianças. É por tudo isso que se pode dizer, com propriedade, que o trabalhador recebe um "salário de fome".

Desse modo, quando uma dona de casa, como Lindaura, vai ao mercado ou ao taberneiro no final da semana, não lhe passa pela cabeça a quantidade de proteínas e calorias que deveria comprar, mas está atenta apenas (e como está!) à quantidade de quilos que poderá trazer.

Uma ou outra afirma que já ouviu falar na importância das vitaminas, no valor protéico dos alimentos, nos perigos da subnutrição. E daí? Dona Lindaura, por exemplo, sabe que seus filhos estão "fracos", que uma boa alimentação é importante, "mas como fazer com o que eu ganho?".

### como se vive

Dona Lindaura é uma mulher forte, teimosa mesmo. Viúva há três anos, viu-se, de repente, cercada de oito filhos e três netos para criar e educar. Todas essas pessoas dividem três cômodos de uma casa de madeira ameaçando "arriabar". Apesar disso, dona Lindaura se esforça para fazer dela um canto apresentável, embora diga um pouco encabulada, mas, ao mesmo tempo, irônica: "taí essa beleza que se vê!".

Mas o que interessa mesmo mostrar é como ela, seus oito filhos e três netos conseguiram sobreviver mais um ano:

"Logo de manhã, preparo o café. Café e pão, por enquanto, ainda tem todos os dias; manteiga só de vez em quando. O leite é servido só para as crianças; leite de vaca é muito difícil. Além de custar mais caro, rende menos e é difícil chegar até ao bairro. Se algum leiteiro passa pela manhã, é motivo de festa para a criança mais pela carroça puxada pelo boi do que por causa do líquido. Acontece

também que o leite em pó ganha a "concorrência" sobre o leite de vaca: basta duas colherinhas para render um litro. Embora fraco, tem sabor de leite.

Esse aí, então, é o nosso "farto" café da manhã para se aguentar até à hora do almoço.

No almoço, a gente come arroz, feijão, farinha e, quando dá, carne. Vez ou outra, dá para fazer um macarrão. Só que os meninos não gostam de macarrão, nem de verduras. Não estão acostumados; não foram criados com isso e, então, o jeito é ir variando com batata e macaxeira. Enlatados comprou às vezes, conforme o gosto das crianças. Por ser época de "inverno" (das chuvas), um período normal de carestia, só se encontram enlatados, nas tabernas, com possibilidade de "mistura" para as refeições. Todos os anos, neste período das chuvas, agrava mais o problema da alimentação do povo acreano. Os produtos que chegam ao Mercado Municipal são colocados à venda por preços muito altos, para privilégio de poucos. Não

Figura 2 - Imagem da página do jornal o Varadouro de Fevereiro de 1978.

Naquela mesma edição do jornal uma outra manchete chama a atenção: "A cidade passa fome". Retratando a situação da cidade de Cruzeiro do Sul, distante 700 quilômetros de Rio Branco, o jornal *O Varadouro* descreveu vários depoimentos de trabalhadores com dificuldades para comprar alimentos como a carne, sem a menor oportunidade financeira para obter esses insumos básicos.

<sup>85</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Fevereiro de 1978, p. 8.

As filas nos açougues multiplicaram-se, e a vigilância do IBDF persistiu firme impedindo o consumo de carne de animais silvestres, dentre eles a onça, o macaco, o jabuti e outras espécies. A população passou a alimentar-se de enlatados, única opção já que faltava a carne e o peixe a que não tinham acesso.

As mulheres formam o maior contingente desse estranho bando de gente faminta. Francisca Ferreira dos Santos, 42 anos, lavadeira, sete filhos, Cr\$ 500,00 por mês, conta como está contornando o problema da carestia de alimentos: — A gente deixa as crianças com fome em casa e vem para o mercado na esperança de levar alguma coisa. Se não consigo nada, compro algumas bananas pra entreter as crianças. A tarde, volto outra vez e, se não encontro nada de novo, faço a mesma coisa<sup>86</sup>.

Suprir as necessidades básicas da família tornou-se uma espécie de heroísmo para as mulheres trabalhadoras do Acre. A saída brusca dos seringais e a vinda repentina para a cidade dificultou sobremaneira a sobrevivência diária.

As lutas para adaptarem-se aos novos modos de vida eram travadas em meio às adversidades oferecidas pelo progresso, pela modernidade imposta aos trabalhadores.

“Ester Batista, 38 anos, oito filhos, lavadeira, o marido seringueiro, mas segundo ela, “não tira saldo”, olhando para a carne dependurada atrás das grades, admirando, pegando, quase acariciando, diz: “muitos dias peço a menina pra levar uma “jacuba” pra mim no banheiro porque não aguento. A gente leva a vida inteira a sofrer, meu senhor”. É o pobre sempre descendo um pouquinho, sempre descendo. “Meus filhos é tudo doente, sentem dor no estômago”<sup>87</sup>.

As mudanças radicais sofridas pelas famílias de seringueiros os transformou em retirantes. Os novos donos do Acre eram os fazendeiros vindos das regiões sul e sudeste do Brasil e todos aqueles que na região já tinham ali estabelecido seus latifúndios, comprando os seringais e expulsando famílias que lá trabalhavam, sustentando-se de modo rudimentar a partir da agricultura, das carnes de caça, do

---

<sup>86</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Fevereiro de 1979, p. 8.

<sup>87</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Fevereiro de 1979, p. 7.

peixe e do fabrico da borracha, com pouca produção, mas que ainda era comercializada.

A força policial do Estado aparece nesse momento como importante aliada na composição do quadro daquelas violências praticadas por latifundiários.

Eles começaram a chegar em 1972. Prepostos de grupos nacionais ou estrangeiros, especuladores de terras, grileiros ou simples aventureiros. Vinham de braços dados com seus jagunços e aqui encontravam outros aliados: o então governador Wanderley Dantas, os chefes de cartórios, alguns juizes e a polícia. Em pouco tempo, dois ou três anos, compraram a maior parte dos 15 mil hectares que o Acre possui, e desarrumaram a vida de 40 mil famílias de seringueiros. A nova ordem econômica decretada ou estimulada pelo governo federal era a pecuária em vez da borracha. O boi no lugar do homem<sup>88</sup>.

A população pobre sofria inúmeras injustiças e era perseguida pela polícia em muitas ocasiões. Era como se somente os pobres fizessem coisas erradas. Possesiros, operários, pedreiros, as empregadas domésticas, os seringueiros e diaristas, todos estavam vivendo em situação de calamidade, por conta de falta de moradia e de um salário suficiente para pagar o aluguel e aquisição de alimentos básicos.

O salário mínimo da região é de Cr\$ 2.364,00. A maioria da população ganha até menos que isso, sem contar o alto índice de desemprego. Por exemplo, há lavadeiras que ganham em torno de Cr\$ 600,00 mensais, estivadores, Cr\$ 1 mil, Professoras primárias menos que Cr\$ 1 mil. O aluguel de uma casa que atenda às necessidades essenciais está entre Cr\$ 2 mil a Cr\$ 3 mil. A construção de uma casa de madeira está custando cerca de Cr\$ 250 mil, não incluindo o terreno que, dependendo da localização, pode variar de Cr\$ 30 mil a Cr\$ 250 mil. (O Varadouro, dezembro de 1979, p. 14)

Discursos ideológicos em torno do salário mínimo do período, estabelecido em Cr\$ 1.300,00, em 1979, prometiam que 55% do dito salário serviria à alimentação. Porém, uma família formada por seis ou mais pessoas, o que era comum na época, necessitaria de no mínimo Cr\$ 5.500,00 para obter uma alimentação básica saudável. O índice elevado dos preços entra em contradição

---

<sup>88</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Maio de 1980, p. 8.

com os baixos salários, quando as famílias se organizam e resistem para manter seus entes queridos alimentados, principalmente crianças.

O custo de vida no Acre é o mais alto do País! No bairro da Estação Experimental, cerca de 20 famílias se organizaram para fazer compras comunitárias: comprando juntas mais barato e como diz um de seus membros, “a fome passa longe da nossa casa”. (O Varadouro, Dezembro de 1979, p. 15)

Nessa época já era direito conquistado a segurança à mulher quanto ao direito à licença antes e depois do parto, porém aquelas que não tem carteira assinada são exploradas e depois dispensadas sem nenhum acesso a lei que lhes assiste pelo campo da justiça, igualmente conformada no campo daquela sociedade dividida em classes.

Para a mulher e o menor a lei estabelece algumas proteções especiais: é proibido o trabalho noturno, o trabalho em lugares perigosos e que prejudiquem a saúde, em serviços pesados e em locais que prejudiquem a formação do menor. Para a mulher, a lei estabelece que ela deve receber salário igual ao do homem pelo mesmo serviço. Mas o próprio Estado desrespeita a lei: a Colonacre em Quinari, pagava Cr\$ 80,00 para os homens e Cr\$ 40,00 para as mulheres pelo mesmo tipo de serviço<sup>89</sup>.

Grande parte dessas mulheres que lavavam roupas e que viviam em barracos nos bairros: Cidade Nova, Palheiral e Bahia, são oriundas de seringais, de uma vida marcada pelas inúmeras lutas por sobrevivência todos os dias, marcadas também pelo anseio em ver seus filhos estudando preparando-se para um futuro mais digno e mais feliz, diferente da situação experimentada.

“Vim do seringal Remanso. Chegamos em dezembro na cidade e ficamos morando no quarteirão do “seu” Virgílio, pagando Cr\$ 200,00 por mês. Tá com um mês que entrei, não sei quem é o dono. Aqui é difícil nós comer carne; o que nós come é arroz com feijão” (Maria Amélia Nóbrega do Nascimento, 23 anos, casada, o marido vende refresco). (O Varadouro, março de 1979, p. 10)

---

<sup>89</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Dezembro de 1979, p. 15.

Cidade Nova é um desses bairros formado por ex-seringueiros, que cresceu como uma favela nas margens do Rio Acre, bem próximo ao centro da cidade. Foi neste espaço que inúmeras famílias foram viver e muitas vivem até os dias de hoje. “Varridos” dos seringais, instalavam-se procurando trabalho e sobrevivência na cidade.

Numa das partes mais baixas da cidade, na margem direita do rio Acre, sujeita a alagações, o bairro Cidade Nova, no 2º. Distrito, estende-se e compõe-se um quadro de miséria social. É um núcleo populacional recente, com características de favela, ainda em formação na periferia da capital. Na vizinhança estão os bairros antigos Quinze, Base e Papouco, com quem divide problemas comuns refletindo nas águas do Acre – que os une ou separa imagens e semelhanças. Mas a identidade termina aí porque Cidade Nova tem uma particularidade: é um bairro de ex-seringueiros<sup>90</sup>.

Com todas as adversidades e dificuldades que se apresentavam no dia a dia dessas famílias, todos precisam trabalhar para suprir suas necessidades básicas. Os filhos tinham suas vidas inseridas nas lutas desde muito cedo.

A maioria dos filhos, por necessidade, procurava ajudar financeiramente com a compra de alimentos e até mesmo de vestimenta para si e para seus irmãos menores. Forçados pelas circunstâncias, meninos trabalhavam em situações especialmente perigosas, sem nenhuma garantia, sem o devido reconhecimento por suas atividades desenvolvidas.

Quase ninguém soube na cidade. No primeiro sábado de outubro, uma caçamba virou na rua Isaura Parente, no bairro da Estação Experimental. Houve pânico e uma gritaria angustiante de crianças. Estendido no chão, o pequeno Ari, 3 anos, com duas pernas quebradas, o intestino perfurado em três locais. Ao lado, seu irmão José, com um braço fraturado e mais adiante um colega de turma e bairro também com uma perna quebrada. O caminhão estava cheio de crianças que voltavam do trabalho de uma olaria situada na periferia de Rio Branco. (O Varadouro – novembro de 1977, p. 7)

Grande parte dessas famílias eram formadas por mães e filhos. Algumas por viuvez, outras pelo abandono do marido. A marca do trabalho exaustivo e não

---

<sup>90</sup> O Varadouro – Jornal Acreano, Maio de 1977, p. 17.

remunerado nos anos em que viviam nos seringais eram alertas para dimensões necessárias de desconfiança com quaisquer empregadores, e principalmente com as autoridades do Estado.

Mesmo com algumas leis acerca do trabalho já em vigor, os direitos trabalhistas não eram cumpridos enquanto essas mulheres resistiam, continuando a trabalhar e lutando pela sobrevivência de seus familiares. A resistência e a força que elas exprimem sobressai quando buscam seus direitos, quando se reúnem para fazer reivindicações acerca de salários, de melhores condições de trabalho e de uma vida mais saudável na qual possam acessar condições mínimas de existência.

Os transtornos mentais relacionados com a marginalização, a impotência e a pobreza, junto com o trabalho excessivo, o estresse e a frequência cada vez maior da violência no lar, assim como o uso indevido de substâncias, se incluem entre outras questões de saúde que preocupam cada vez mais a mulher. Em todo o mundo as mulheres, especialmente as jovens, fumam cada vez mais cigarros, com os graves efeitos que isso acarreta para sua saúde e a de seus filhos<sup>91</sup>.

Injustiças sociais são comuns em todo o solo brasileiro, ainda mais naquela época. Para a classe trabalhadora e pobre, muito mais. A dificuldade de conseguir trabalho com condições dignas de salário torna-se então uma sombra na vida de muitas mulheres seringueiras.

---

<sup>91</sup> Sonia Goulart. *As mulheres e os direitos civis* - Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero. CEPIA, Rio de Janeiro, 1999, p. 151.

## CAPÍTULO III

*"O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história"*

*(Walter Benjamin, 1987)*

### 3.1. Além do corte e da coleta do látex

Além do corte e coleta do látex, havia no interior dos seringais acreanos o cultivo da agricultura e a coleta de castanha fruto da castanheira<sup>92</sup>. A agricultura cultivada em seringais do Acre servia basicamente para o consumo de seus moradores e grande parte deste trabalho agrícola era desempenhado por mulheres.

É o que consta nas narrativas das mulheres entrevistadas quando mencionam o trabalho árduo sobre o roçado, ou a “roça”, expressão comumente mais usada, expondo a diversidade de produtos que eram plantados, cultivados e consumidos pelos seringueiros.

Da mesma forma também acontecia com a coleta da castanha. Tal trabalho, assim como o corte e a coleta do látex, se fazia necessário pois, além de pertencer ao ciclo produtivo da floresta, o cultivo da castanha favorecia a alimentação básica dos seringueiros e de seus demais familiares.

O bom e perfeito uso dos recursos naturais que a floresta lhes oferecia os direcionava não só a usufruir o melhor da terra, mas principalmente tendo o privilégio de cuidar da mesma com apreço, com zelo, dando-lhe a importância devida e transmitindo esses costumes, tradições, conhecimentos e saberes aos filhos e netos, como nas palavras de Albuquerque,

A apropriação que os trabalhadores rurais fazem da floresta e os ensinamentos que dela abstraem, ocorrem em relação aos seus afazeres e através da memória coletiva, dos costumes e tradições transmitidos pelas gerações mais velhas às gerações às gerações mais novas, por intermédio da oralidade, práticas no trabalho e na vivência familiar<sup>93</sup>.

As experiências, os momentos vividos bem como as situações lembradas, com o passar do tempo e o presente da realidade desses sujeitos, são remarcadas de grande tristeza ao relacionar com o trabalho de condições difíceis impostas a toda a família, a ausência de relações eventualmente mais próximas entre pais e

---

<sup>92</sup> Castanheira – árvore da qual vem o fruto, a castanha - castanha do Pará ou castanha do Brasil.

<sup>93</sup>ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das garças*. EDUFAC, Rio Branco - AC, 2005, p. 38. (Série Dissertações e Teses 8)

filhos, quando o cuidado mais terno era possibilidade irrealizável frente às exigências de tantas explorações.

Dentre as muitas funções exercidas pelas mulheres estão as que basicamente eram necessárias, como a agricultura, em plantações de feijão, arroz, macaxeira, verduras e legumes, bem como a criação de animais silvestres e a coleta da castanha. O consumo destes produtos intensificava sua produção, tornando a vida nos seringais, entre as décadas de 1960 a 1980, completamente voltadas para essas funções, principalmente por parte das mulheres.

Dona Cleuzimar Pereira relata um pouco do seu dia a dia no trabalho que começou na infância. As plantações, a saída de casa pela manhã ainda muito cedo e as dificuldades para se chegar ao roçado atravessando um igarapé que, em determinadas épocas, as águas transbordavam, dificultando sua travessia.

No dia que eu num ia pra seringa, eu ia pro roçado. Aí meu Pai botava nós, cinco hora da manhã, pra ir pro roçado, sós, nós pequeno, que até hoje eu penso, “meu Deus será que meu Pai não tinha amor por nós?” Porque ele ficava dentro de casa e mandava nós, inclusive tinha um garapé grande! Esse garapé quando era no inverno ele alagava! Nós só podia passar pro roçado nadando, e o meu Pai botava nós pra nadar seis hora da manhã, fazia tudo que é de seringal, e de seringa, eu conheço, porque eu trabalhei e eu sei! (Cleuzimar Pereira<sup>94</sup>)

Dona Maria Hilda Vieira de Carvalho não teve a experiência do corte na seringueira, contudo a colheita do látex a deixava atarefada durante boa parte de seu dia. Assim como muitas outras mulheres que labutaram em seringais, também executava junto com os outros irmãos e irmãs, tanto mais velhos quanto mais novos, tarefas diárias na lavoura, plantando, limpando a roça, preparando a terra para o plantio e cuidando da plantaçãõ assim que as sementes germinavam e as mudas floresciam.

Dona Hilda comenta que cresceu na Bolívia, na fronteira próximo à Vila Plácido, hoje município de Plácido de Castro. Relata que não chegou a “cortar seringa”. Em sua família este trabalho era feito somente por seu pai. Porém, tinha

---

<sup>94</sup> Cleuzimar da Penha Moreira – Trabalhadora Seringueira - Entrevista concedida na cidade de Rio Branco – Acre em 04/09/2014

muito trabalho no roçado, ou seja, na plantação de alimentos e na colheita destes. O trabalho no roçado era visto como primordial pelas famílias seringueiras, afinal, dali tiravam seu alimento diário e necessário para a sobrevivência da família

Nós trabalhava primeiro no seringal Humaitá, na época era Humaitá, hoje em dia ele já é uma vila. Mas depois daí nos fumo pra Bolívia, fui criada mesmo na Bolívia e lá o nosso trabalho era ajudar na roça, ajudar meu Pai a plantar, ajudava a colher, no dia a dia, do nosso crescimento, tive dez filho. Eu era criança, e hoje tô fazendo 62 anos, agora dia nove (09/09/2014). Ajudar meu Pai plantar, ajudar a limpar, era, nós ajudava plantar roçado, nós que limpava, nós ajudava a colher o arroz, limpar a roça, tudo nós fazia, só pro consumo mesmo, vendia só a borracha, lavoura a vontade, tinha criação de bichos, Papai criava muito porco, muita galinha. (Maria Hilda Vieira de Carvalho Soares<sup>95</sup>)

Famílias inteiras como a de dona Maria Hilda alimentavam-se de suas próprias plantações na roça e de criações de animais domésticos como galinhas, patos, marrecos e porcos. O cultivo da roça era necessário para a manutenção das pessoas e isso era feito por praticamente todos os membros da família.

Desde pequenos, os filhos, tanto meninos quanto meninas, acostumavam-se aos pequenos trabalhos direcionados pelos adultos de suas famílias. Funções simples, mas que com o passar do tempo, iam sendo diversificadas. Dessa forma, habituavam-se a ajudar no roçado, nas plantações, no cuidado com as frutas em suas estações, para então desfrutar do benefício que tudo isso lhes proporcionava, bem como pelo investimento e dedicação ao cultivo.

Segundo Wolff, a agricultura foi iniciativa dos próprios seringueiros que, apesar de todo o trabalho do corte e da coleta do látex, conseguiam conciliar suas tarefas obrigatórias para prestações de contas com os patrões e ao mesmo tempo cultivar os alimentos.

Normalmente, porém, nos altos rios, a agricultura foi iniciativa dos próprios seringueiros, realizada nos mesmos moldes dos períodos anteriores, produzindo sobretudo a farinha de mandioca, feijão, milho, bananas, as vezes arroz, jerimum e melancia, somente para a

---

<sup>95</sup> Maria Hilda Vieira de Carvalho Soares – Trabalhadora seringueira – entrevista concedida na cidade de Rio Branco em 06/09/2014

subsistência da família. Embora o contrato-padrão de trabalho dos seringueiros exigisse semana de seis dias dedicados ao corte da seringa, o que possibilitaria a exploração de três estradas por seringueiro, a existência das famílias continuava possibilitando a pequena agricultura de subsistência<sup>96</sup>.

Dona Graça Vasconcelos que também não teve a experiência de cortar a seringueira, relata que ajudava na colheita do “leite<sup>97</sup>” já na fase da adolescência, junto a seus irmãos, tanto os mais velhos quanto os mais novos. Ninguém ficava isento do trabalho, todos tinham muitas obrigações a cumprir. Assim, além desta e de outras tarefas corriqueiras, ajudava na fabricação de farinha torrada, alimento consumido diariamente pela população acreana.

Eu tinha mais ou menos uns dezesseis, dezessete por aí, aí da Alimanha foi que eu comecei a colher. Papai levava nós pa colher, eu partia cavaco, ajudava ele a levar o cuião de defumar e ajudava a enrolar, fazer borracha, cada uma de nós fazia uma borracha. Nós deixava o leite, nós defumar ele ensinou nós, e vendia a borracha. E ali aquele leite ele deixava pra nós, porque nós colhia a tarde. Deixava o sernambi, gostava também de pescar, ficava pescando, me perdia ainda na mata. No roçado fazia farinha, Papai levava nós tudim pra fazer farinha, fazia beiju, colhia arroz, apanhava o feijão, batia, tudo isso. (Maria das Graças Vasconcelos<sup>98</sup>)

O trabalho de cortar seringa fez parte da vida de diversas mulheres no Estado do Acre, porém, juntamente a estes, havia também outros “cortes”, os quais eram comuns no cotidiano rural. Era o que acontecia na vida de dona Iracy Gomes de Carvalho, que viveu no seringal Santa Rosa, no rio Abunã<sup>99</sup>. A mesma narra que

---

<sup>96</sup> WOLFF, Cristina Scheibe - *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890 -1945)*. Editora Hucitec, São Paulo, 1999, p. 140.

<sup>97</sup> Leite – expressão usada de forma comum ao referirem-se ao látex.

<sup>98</sup> Maria das Graças Vasconcelos – Trabalhadora seringueira – Entrevista concedida na cidade de Rio Branco – Acre em 03/09/2014 (in memoriam 27/07/2015)

<sup>99</sup> O Rio Abunã, na parte boliviana é um rio Amazônico, É também um dos afluentes do curso alto do rio Madeira, que forma quase toda a fronteira norte entre Bolívia e Brasil (estados do Acre e Rondônia). Nasce na Cordilheira Oriental dos Andes bolivianos da confluência de dois pequenos rios, o Xipamanu e o rio Caramanu. Tem como principais afluentes o rio Rapirrán, o rio Mapim, o rio Mamo-Manu e o rio Negro. Tem um comprimento aproximado de 375 km, é navegável em um tramo de 320 km em seu curso inferior. Tem apenas duas povoações de importância em suas margens: Santa Rosa del Abunã, capital da província Rosa del Abunã, e a nova povoação de Montevideo, que é uma cidade comercial.

partia o cavaco<sup>100</sup> para ajudar o marido a fazer a fonalha. A fonalha era usada para a defumação, ou seja, para a fabricação da borracha.

No seringal Santa Rosa – eu ajudava meu marido a quebrar castanha. Ele batia e mandava eu catar a castanha que tava quebrada, e eu batia... eu ajudava ele plantar roça, milho, arroz, feijão, cana, tudo isso. (E a senhora cortava seringa?) Não cortava seringa não, mas ajudava a colher o leite. Aí eu partia cavaco pra ele, pra botar na fonalha, pra sair aquela fumaça quente pra fazer a defumação. Trabalhava lavando roupa, fazendo faxina. (Iraci Gomes de Carvalho<sup>101</sup>)

### 3.2. Saúde

A saúde dessas mulheres seringueiras ficou comprometida pelo excesso de trabalho desde a mais tenra idade. Boa parte das mulheres que participaram da pesquisa relatando como ocorria seu trabalho nos seringais, sofreu consequências das eventuais formas de trabalho executadas.

As mulheres constituem maioria na população brasileira e, por conta desse fato, são as maiores usuárias do sistema de saúde vigente. A atenção com a saúde da população nem sempre é vista como prioridade pelas autoridades e, por isso, o atendimento ainda é caracterizado por sua lentidão, não só referindo-se a consultas prévias, mas também às intervenções cirúrgicas.

As políticas públicas relacionadas à saúde entre os anos 1960 a 1980, diferem pouco das políticas de saúde públicas hodiernas. Em 1966 foi Criado o Instituto Nacional de Previdência Social<sup>102</sup> (INPS), a partir da unificação dos IAPS - Institutos de Aposentadorias e Pensões.

---

<sup>100</sup> Cavacos - pedaços de madeira sem ramos e folhas secos e com tamanhos variados em seus cortes. Usados como combustível para acender a fonalha onde se fabricava a borracha.

<sup>101</sup> Iraci Gomes de Carvalho – trabalhadora seringueira – Entrevista concedida na cidade de Rio Branco em 06/09/2014

<sup>102</sup> Decreto-Lei Nº 72, de 21 de Novembro De 1966 que unifica os Institutos de Aposentadoria e Pensões e cria o Instituto Nacional de Previdência Social. (Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0072.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0072.htm)

No final da década de 1980, o INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social – é direcionado para os serviços de saúde, todavia, ainda constava a exigência do uso da carteira do INAMPS para se ter atendimento nos hospitais conveniados a rede pública.

A atenção e o cuidado com a saúde das mulheres brasileiras trouxe um crescimento elevado da preocupação por parte dos movimentos sociais organizados já nos primeiros anos da década de 1980.

Nos envolvimento políticos, como o processo de abertura política, por exemplo, os profissionais da área de saúde e o movimento feminista deram início a uma parceria com o Ministério da Saúde visando a criação de projetos e incentivos para a melhoria do atendimento à mulher.

Assim surgiu o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM<sup>103</sup>, garantindo, dessa forma, seus direitos de cidadã brasileira. O intuito desse programa foi beneficiar o atendimento ao público feminino. Contudo, as dificuldades enfrentadas para tal persistem.

Somente em 1988 é que ocorreu a criação definitiva do SUS e, desta criação, o artigo 196 especifica o direito à saúde<sup>104</sup>. O SUS - Sistema Único de Saúde, facilitou o acesso à saúde para uma população naturalmente mais carente deste atendimento.

O SUS, em sua criação, enfrentou uma realidade política e econômica adversa, que gerou o seu problema de financiamento progressivo, com a consequente falta de recursos, uma vez que a Constituição de 1988<sup>105</sup> previa que a verba para o SUS seria de 30% do orçamento da seguridade social.

---

<sup>103</sup> Este programa passa a ser prioridade do Ministério da Saúde por ter amplo respaldo no movimento de mulheres e por representar, no conjunto das suas concepções, um substancial avanço em relação à proposta anterior (Programa Materno-Infantil). A partir de 1984, começaram a ser distribuídos às Secretarias Estaduais documentos técnicos que iriam nortear as chamadas "ações básicas de assistência integral à saúde da mulher", englobando o planejamento familiar, o pré-natal de baixo risco, prevenção de câncer cérvico-uterino e de mamas; as doenças sexualmente transmissíveis, a assistência ao parto e puerpério.

<sup>104</sup> Artigo 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

<sup>105</sup> Constituição Federal de 1988, que determinou ser dever do Estado garantir saúde a toda a população e, para tanto, criou o Sistema Único de Saúde. Em 1990, o Congresso Nacional aprovou a Lei Orgânica da Saúde que detalha o funcionamento do Sistema.

Essa universalização tornou o sistema aberto a toda e qualquer pessoa. Assim todos recebem atendimento sem que seja necessário estar vinculado a qualquer instituição<sup>106</sup>.

Contudo, essa “facilitação” de acesso à saúde não chegou a minimizar o que ocorre com grande parte das mulheres no Brasil. O país tem crescido em número de habitantes, e é enorme a quantidade de mulheres que necessitam de atendimento rápido sem sucesso.

A assistência à saúde básica é imprescindível às populações e, apesar das melhorias na qualidade e eficácia, o atendimento em Hospitais e unidades de saúde é lento e a saúde de diversas mulheres trabalhadoras continua prejudicada. O acesso e o acompanhamento, tanto em casos graves quanto os mais simples, não é facilitado, mesmo com todos os avanços tecnológicos.

Carregar cestos pesados com ouriços de castanha, fazer inúmeros esforços físicos, acordar de madrugada e sair para as estradas são algumas das atividades que trouxeram inúmeras complicações que refletem na delicada preservação da saúde de seus corpos. Com a saúde comprometida, algumas das mulheres entrevistadas relatam sobre sua situação atual devido à lentidão no atendimento para determinadas especialidades médicas.

As consequências dessas situações agravantes persistem até os dias de hoje, como narrou com pesar a senhora Maria das Graças Costa. A mesma fez e ainda faz longo tratamento para melhorar sua saúde, mesmo em meio às adversidades da vida, de sua locomoção e transporte, e principalmente pelas dificuldades que o sistema de saúde pública oferece aos seus usuários.

Dona Maria das Graças Costa nasceu e cresceu em um seringal situado às proximidades do município de Sena Madureira. Em seu relato, conta como viveu e trabalhou por longo período nos seringais Jaçanã e Riozinho do Rolo, e sobre as sequelas que estas árduas funções por ela executadas deixaram em seu corpo, tornando frágil a sua saúde.

---

<sup>106</sup> Antes da criação do SUS, existia um sistema de saúde que atendia, no setor público, os pacientes que tinham direito aos Institutos de Assistência, que já haviam sido centralizados no antigo INAMPS.

Eu comecei trabalhar tinha dez anos de idade. Minha mãe morreu eu tinha cinco anos. Eu comecei a trabalhar na roça, ajudando na roça, plantando... é plantando macaxeira, milho. Conheci meu marido. Ele me levou pro seringal aqui na estrada de Sena. Aí eu ajudava ele, acompanhava no corte da seringa, só que eu não sabia cortar, mas eu acompanhava pra tirar o leite, é... limpar as vasilha, pra trazer pra fazer a borracha. E trabalhava mais era quebrando castanha. Saia três e meia, quatro horas da madrugada, chegava cinco, seis. (Maria das Graças Magalhães da Costa<sup>107</sup>)

Para Dona Graça e seus familiares a vida não era muito fácil. A alimentação era adquirida com dificuldade, pois viveu no seringal em um período em que era feito a troca; um tipo de negociação bastante comum entre os seringueiros e seringalistas. Essa troca naturalmente era desfavorável aos seringueiros, visto que, a mercadoria era adquirida por valores muito acima do que realmente valia.

Por conta desse tipo de negociação, muitos seringueiros permaneciam por longos períodos vivendo endividados. Estavam atrelados àquele sistema e não havia a menor possibilidade de sair dele. A necessidade de alimentos era superior e a “troca” fazia-se absolutamente necessária para a situação que lhes era imposta nos seringais.

Quando eram levados a contestar os fatos desleais e as atitudes arbitrárias de seus patrões, eram hostilizados. Havia discussões e brigas nas quais, o seringalista sempre saia vitorioso, deixando entristecidos os muitos trabalhadores, como continua ela em seu relato.

Levava, as veiz, até farinha pra comer com castanha, trocava a borracha por mercadoria e nunca terminava de pagar. Eles passava a mercadoria muito caro. Lá, em Feijó, acontecia muitas vezes do meu irmão brigar, fazer briga com o patrão a gente pegava a mercadoria por quinzena e nunca terminava de pagar a conta. (Maria das Graças Costa<sup>108</sup>)

Dona Graça casou-se muito jovem com um seringueiro, e com ele trabalhava dia após dia. Desses momentos narrados, seu semblante demonstra absoluta tristeza e pesar, pois as consequências são sentidas até o momento em que fala. O

---

<sup>107</sup> Maria das Graças Magalhães da Costa – Trabalhadora seringueira mora atualmente em Rio Branco – Acre. Entrevista concedida em 04/09/2014

<sup>108</sup> Idem 107

trabalho exaustivo sem remuneração e sem reconhecimento trouxe a ela diversos prejuízos não somente de ordem física, mas também emocional. Toda a sua trajetória consiste em muita luta, doença e dor com as quais convive enquanto aguarda uma intervenção cirúrgica.

Com esse meu marido trabalhava na seringa e na castanha né? Porque tinha a época, quando chegava a época da castanha, nós trabalhava na castanha. Três hora da manhã a gente andava com a poronga. Meu Deus! Muitas vezes cheguei a chorar com sede! A gente topava, caía, só me traz recordação triste, e... eu entrei em depressão. Tomo até remédio controlado por tanto sofrimento que eu passei na minha vida. Eu trabalhei muito. Hoje eu vivo doente. Eu tenho problema de coluna sério, duas hérnia de disco, e já vou me operar. Até um copo que eu pego dói meu corpo. (Maria das Graças Costa<sup>109</sup>)

A infância de muitas mulheres foi recheada de horas constantes de trabalho, acordando muito cedo nas primeiras horas da manhã, como narra dona Ilzamar Mendes, que residia no Seringal Santa Fé. Ela descreve de que forma trabalhou, por anos a fio, ajudando o pai no corte da seringueira, na colheita do látex, na plantação de alimentos para o consumo da família e na coleta de castanhas.

Dona Ilzamar Mendes, assim como boa parte das entrevistadas, teve sua saúde minimizada pelo trabalho árduo e, conseqüentemente, sofreu e continua sofrendo as conseqüências. A mesma também relata como tudo isso afetou e ainda afeta a sua saúde, evidenciando que as conseqüências de tão exaustivo trabalho deixaram marcas profundas.

Durante tantos anos, todos os dias, acordar cinco horas da manhã e às vezes até antes, porque o meu pai, quando saía pra cortar seringa, era às vezes três ou quatro da madrugada. E a gente, como filhos mais velhos, faziam isso também. Iam junto com papai pra ajudar no corte da seringa, ou então na quebra da castanha, e foi isso que fiz, hoje com 50 anos, comecei a fazer aos oito anos de idade, até os meus 22 anos. Ajudei meu Pai a cortar seringa, colher castanha e também a plantar no roçado, colher a plantação, o arroz, o milho, feijão, a macaxeira. Aos doze anos eu quebrava quatro, cinco latas de castanha por dia e ainda tinha que trazer nas costas até a colocação onde a gente morava. Hoje o pessoal faz isso a

---

<sup>109</sup> Idem 107

cavalo, né? Põe no cavalo, jumento, sei lá. Na época era nas costas mesmo: a gente enchia o paneiro e jogava nas costas pra vender ao patrão. Agricultura só pra sobrevivência mesmo. (Ilzamar Mendes<sup>110</sup>)

Além da agricultura as famílias seringueiras também consumiam a carne de caça<sup>111</sup> adquirida na floresta. A carne de caça com a qual muitos seringueiros alimentavam suas famílias, era preparada com exímio cuidado pelas mulheres com o leite da castanha anteriormente coletada. Tudo feito manualmente, segundo o relato de Dona Ilzamar, que carregava as castanhas bastante pesadas, peso esse que terminou por causar danos irreparáveis à sua saúde.

Em sua união com o seringueiro Chico Mendes, seringueiro acreano conhecido por sua luta pela preservação da floresta, que ao lado da mulher foi protagonista de formas de resistência que ficaram historicamente conhecidas como “empates”, dona Ilzamar relata detalhes de sua experiência como mulher seringueira e como esposa de um homem lutador que deixou marcas profundas na história do país.

Os embates contra os terríveis desmatamentos<sup>112</sup>, a necessidade de continuar a luta e não render-se aos dominantes constituem-se em expectativas de vida que tencionam a garantia de dignidade para os trabalhadores rurais, assim como uma vida mais saudável no futuro para toda a região amazônica e seus habitantes.

Em sua narrativa, Dona Ilzamar Mendes expressa com detalhes o início de sua luta como mulher trabalhadora pela sobrevivência, sua preocupação com a família, o lar, a responsabilidade e o amor que a uniu ao homem que foi marcado como um lutador e defensor das florestas e do meio ambiente, Chico Mendes.

---

<sup>110</sup> Ilzamar G. B. Mendes – Trabalhadora seringueira, viúva de Chico Mendes. Entrevista concedida na cidade de Rio Branco em 04/09/2014

<sup>111</sup> Carne de caça – Carne de animais como: paca, cutia, anta, veado e etc.; animais pequenos abatidos com espingarda e/ou com armadilhas preparadas pelos seringueiros.

<sup>112</sup> A questão do desmatamento é complexa e tem profundas raízes sociais, tecnológicas, econômicas e até mesmo culturais. Enquanto o governo não adotar um plano nacional de combate ao desmatamento, confiável e adotado pela sociedade, optando definitivamente pela sustentabilidade econômico-ambiental e assumindo compromissos concretos com a ampliação de áreas protegidas e de uso social sustentável (incluindo a demarcação de terras indígenas), a cada ano teremos que lamentar a perda de biodiversidade e o aumento da injustiça social e ambiental. Fonte: [www.greenpeace.org](http://www.greenpeace.org)

Na verdade, quando me casei com o Chico, dos 17 para os 18 anos, o Chico, ele não tinha condições de manter a família. Na verdade, a gente casou só por amor. Casamos e eu continuei na casa do meu Pai, na mesma atividade que eu fazia: cortando seringa, quebrando castanha e ajudando meu Pai no roçado pra alimentação da família, já minha e também dos filhos que vieram aparecendo. (Ilzamar Mendes<sup>113</sup>)

Dona Ilzamar sofre de diversas consequências adquiridas pelo excesso de trabalho a que foi submetida em sua infância, na fase de crescimento e na fase de desenvolvimento do corpo. Carregar peso em excesso pelas estradas de seringa para ajudar o pai era visto como algo normal, porém os prejuízos que essa condição traz para a saúde alcança perspectivas pessoais mais duras com o passar da idade.

Tenho problemas no braço e tenho problema na coluna por pegar muito peso, isso adquirido quando eu trabalhava né? Porque, como eu quebrava muita castanha, o terçado era pesado, até hoje tenho sequelas. Saía muitas vezes sem tomar o café da manhã, porque na verdade não tinha, sem almoçar... muitas vezes você pegava temporal de chuva no meio da mata com o paneiro de castanha nas costas. Se a castanha já era pesada, a chuva vinha, molhava, ficava mais pesada ainda. Quando vinha um temporal que derrubava uma árvore no varadouro onde a gente passava, muitas vezes você tinha que passar por cima com aquele paneiro de castanha nas costas. Imagina uma criança de 15 anos em formação ainda. (Ilzamar Mendes<sup>114</sup>)

Dona Marian de Carvalho Martins, apelidada pela família de Miriã, também filha de nordestinos oriundos desde o final dos anos 1940 e que desde a década de 1970 reside no bairro Cidade Nova, relata sua trajetória no seringal e a mudança para a cidade visando um futuro melhor.

A mesma narra que também trabalhou desde criança. Viveu no seringal “Oiticica”, no rio Abunã, próximo à cidade de Plácido de Castro, onde morava com a família. Discorre sobre as dificuldades enfrentadas durante sua juventude<sup>115</sup> e, principalmente, pelo seu desejo de estudar, que era enorme, porém, no seringal, não havia possibilidade de concretizá-lo.

---

<sup>113</sup> Idem 110

<sup>114</sup> Idem 110

<sup>115</sup> A juventude na década de 1970 foi fortemente influenciada pelas ideologias liberais e pelas mais diversas expressões musicais. (Movimento hippie, uso de drogas, sexo livre e etc.)

Relata que deixou de lado o trabalho na lavoura e partiu para a cidade, em busca do aprendizado, o que não era possível de se adquirir no seringal. Aspirava por uma vida mais digna, com melhores condições, as quais cria que obteria estudando, não somente trabalhando.

Durante seus primeiros anos em Plácido de Castro, trabalhou como doméstica em casas de família para poder estudar. Não tinha salário, seus serviços prestados eram em troca de moradia e alimentação para ter o privilégio de ir à escola tão sonhada. Dona Marian reside em Rio Branco desde 1975 no bairro Cidade Nova, e sua narrativa descreve os momentos que ficaram marcados em sua memória.

Num era bem seringal. Eu lembro bem, tinha de... de nove anos, quando saímos de lá. Era colocação Oiticica na beira do Abunã. Mas tinha estrada. Meu Pai cortava seringa, meu irmão mais velho ajudava, e nós, os filhos mais velho, ajudava na lavoura, os mais velho ajudava cortando seringa, e eu ajudava limpando a roça, ajudando a plantar milho, arroz, feijão, é... ajudava em casa, a minha ajuda mais era em casa. Poucas vezes eu ia pro roçado. Na estrada eu ajudava... quando era pra colher o leite, pra juntar o semambi, que é restante do leite que fica escorrido na madeira, né? Ajudava, também pilando arroz, com os bichos, as criação que a gente tinha. Plantação e criação só pra consumo mesmo. Era uma colocação independente. Na seringa, fazia borracha. Na castanha, quebrava castanha. Na oiticica, o Papai pagou um senhor de idade pra alfabetizar a gente. Eu tinha vontade de aprender. Só quem alfabetizou-se foi os mais velho. Eu vim pra Plácido pra trabalhar pelas casa, pra poder estudar. Só pelo estudo, não tinha salário. Dava o material que era preciso e já achava que tava bom. (Marian de Carvalho Matos<sup>116</sup>)

Diferente das demais mulheres seringueiras de origem nordestina, apresenta-se dona Waldecir Pereira dos Santos. Dona Waldecir não descende de famílias nordestinas e não é brasileira de nascimento, mas, de coração, por opção como ela mesma deixa claro em sua narrativa.

Nascida na Bolívia, próximo à fronteira onde se localizam os municípios de Brasiléia e Epitaciolândia, Dona Waldecir Pereira naturalizou-se brasileira através do

---

<sup>116</sup> Marian de Carvalho Matos – Trabalhadora seringueira, residente no bairro Cidade Nova em Rio Branco – Acre. Concedeu entrevista em 06/09/2014

casamento. Enquanto menina trabalhou no seringal com extrema dedicação, ajudando o Pai, a mãe e os demais familiares que viviam juntos no seringal Porvir, próximo ao município de Eitaciolândia<sup>117</sup>, no interior do estado do Acre.

Em sua narrativa, expressou tanto as situações agradáveis quanto as difíceis, como quem sente saudade e não somente lamento. Comentou também sobre a diversidade das plantações e da alimentação em ricos detalhes.

O seringal era o seringal “Porvir”, e o que a gente fazia, eu quebrava castanha, eu cortei seringa, mas meu pai, colhia o leite da seringa pra fazer a borracha. E da borracha nós fazia sapato de seringa e fazia borracha pro meu Pai vender. E a castanha ele vendia pro seringal também, a borracha e a castanha. A alimentação, do leite da castanha minha mãe fazia o pão de milho, do milho mesmo né, ralado no ralo, e o leite. A gente comia o pão de milho que hoje a gente chama “baixaria”. Comia com carne de viado, carne de caça né? Era assim que a gente vivia lá no seringal. (Waldecir Pereira dos Santos<sup>118</sup>)

Em sua fala, Dona Waldecir também expôs a dificuldade com o ensino. Era de certa forma dificultoso e aparentemente de pouco interesse para grande parte dos seringueiros, inclusive para as mulheres, aprender a ler e escrever. Enquanto nas cidades os movimentos feministas cresciam favorecendo e beneficiando os ideais, no interior dos seringais o trabalho e as condições de sobrevivência falavam mais alto, segundo as necessidades básicas, e estas é que naturalmente sobrepujavam.

Ajudava a colher e plantava. Meu Pai cavava com a enxada e nós ia só jogando os caroço de milho. Não vim do nordeste, minha mãe é Boliviana, eu também... mas me naturalizei. Casei cedo. O seringal ficava pertinho de Eitaciolândia, perto do seringal Bela flor. Empregados no seringal com direito a moradia. Tinha uma mulher que dava aula lá mesmo, no meu Pai... na época era o MOBREAL. Nós fumo pra Bolívia, só quando o seringal se tornou colônia é que

---

<sup>117</sup> Eitaciolândia - Localizada a 230 km de Rio Branco, nasceu como Vila Eitácio Pessoa, ligada a Brasiléia, e se tornou município em 1992. Vizinha de Xapuri, a 68 quilômetros, apenas o Rio Acre separa a cidade do município de Brasiléia, que fica na fronteira com Cobija, capital do Departamento de Pando, Bolívia.

<sup>118</sup> Waldecir Pereira dos Santos – Trabalhadora seringueira, Boliviana, naturalizada brasileira, residente no Conjunto Universitário na cidade de Rio Branco, Acre, na qual concedeu a entrevista em 05/09/2014

nos estudemo. Só que a gente não terminou porque a gente trabalhava. O trabalho era árduo, mas era bom. Saudade da tranquilidade... nós trabalhava, mas a gente tinha lazer, não tinha a maldade que tem hoje, eu tinha mais ou menos uns doze anos. (Waldecir Pereira dos Santos<sup>119</sup>)

Funções que normalmente são atribuídas aos homens foram executadas por mulheres no interior dos seringais. Nos relatos pode-se ver claramente como se dava essa realidade. Levantar muito cedo e trabalhar ainda sendo criança era normal. A obrigação de ajudar a mãe nas tarefas diárias tornara-se rotina. Participavam além dos afazeres de casa, do corte e da coleta para obter o sustento da família.

Dona Anísia Oliveira da Silva, Acreana, filha de seringueiros, morou e trabalhou com seus familiares no seringal denominado “2 de dezembro” situado às margens do rio Abunã<sup>120</sup>. A mesma afirma que foi morar no seringal aos treze anos e logo começou a trabalhar no roçado que era arrendado para a sua família.

Ela declara que para tratar a terra, roçava e depois queimava. Ressalta ainda que todo esse trabalho era feito sob a supervisão do seringalista, o qual pagava um valor mínimo que só era suficiente para o alimento diário, alimento esse ao qual ela chama “mercadoria”, que demorava muito a chegar ao seringal onde viviam. Essa temporada, segundo Dona Anísia, durou cerca de vinte anos.

O seringal “2 de Dezembro” ficava no rio Abunã. Era arrendado. A gente pagava com a produção. O seringalista pagava, mas era micharia. Mercadoria vinha no lombo do cavalo. Aí tinha que fazer economia por um mês, né? Senão passava fome. Um passava dois dia trabalhava na roça... plantava feijão, mandioca, banana... Se não fizesse ia passar fome, né? Depois de casada fui pra outro seringal, “Fortaleza do Abunã”. No interiorzin, né? Minha mãe tinha uma pensão e eu lavava roupa pra ajudar minha mãe. Meu padrasto tinha um roçado, mas aí eu já não ia pro roçado, lavava só roupa pra fora, pra ajudar, né? Naquele tempo não era como hoje em dia, não, que tudo é fácil. Minha mãe criava porco, galinha, pato... naquele tempo

---

<sup>119</sup> Idem 118

<sup>120</sup> Rio Abunã – é um rio amazônico, um dos afluentes do curso alto do rio Madeira, que forma quase toda a fronteira norte entre Bolívia e Brasil.

lá, a vida era difícil quando a pessoa adoecia. Tinha que carregar na rede. (Anísia Oliveira da Silva<sup>121</sup>)

Dona Anísia cita, em sua fala, a questão do arrendamento, que era prática bastante comum entre seringueiros e seringalistas, para melhoria do plantio e da produção de borracha. “O seringal era arrendado<sup>122</sup>” isso significa que era concedido pelo seringalista durante um determinado período de tempo e que deveria ser pago com trabalho.

Durante longo período, Dona Anísia e sua família trabalharam através dessa negociação de arrendamento, que, de certa forma, beneficiava o seringueiro, que possuía família, em tempos de crise. Assim como nas palavras de Wolff,

Assim, no período da crise, os seringueiros construíram uma nova relação com a floresta, marcada por diversificação de suas atividades. Reduziram o tempo dedicado à extração do látex (tempo que variava conforme as oscilações de preço da borracha) e passaram a realizar outras atividades com maior regularidades como a caça, a pesca, a agricultura, o artesanato e a extração de outros produtos florestais como madeiras, óleos vegetais, fibras de cascas de árvores, cipós, entre outros<sup>123</sup>.

É notório que as atividades atribuídas às mulheres não era especificamente os afazeres do lar, mas sim a diversidade de funções diárias que para elas eram comuns no seio da imensa floresta da qual tiravam seu sustento com intrepidez e criatividade. O trabalho feminino executado no interior dos seringais acreanos não foi e não é reconhecido em sua totalidade.

Atualmente, existe alguma diversidade de trabalhos publicados sobre o trabalho da mulher no Brasil, contudo, poucos relatam o ocorrido no interior das florestas acreanas, bem como as inúmeras situações vivenciadas pelas mulheres em todo o decorrer de suas vidas quando seringueiras.

---

<sup>121</sup> Anísia Oliveira da Silva – Trabalhadora seringueira. Entrevista concedida na cidade de Rio Branco em 02/09/2014.

<sup>122</sup> Arrendamento - arrendar = conceder (propriedade imobiliária) para uso provisório mediante pagamento. Operação entre pessoas jurídicas pela qual uma delas cede o uso de um ou mais bens mediante o pagamento pela outra de prestações periódicas, sendo usual que ao fim do contrato o arrendatário tenha opção de compra dos bens.

<sup>123</sup> WOLFF, Cristina Scheibe - *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890 -1945)*. Editora Hucitec, São Paulo, 1999, p. 119.

Ainda persiste a noção de que o que o trabalho masculino é que garantiu o sucesso da produção da borracha em sua segunda fase na região. Portanto a existência das mulheres fica atrelada aos primeiros registros historiográficos, os quais não retratam seus esforços, sua vida cotidiana no labor e sim, atitudes ou situações, como o que se pode ver nas palavras de Perrot.

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem<sup>124</sup>.

Perrot<sup>125</sup>, acerca da história das mulheres no ocidente, deixa claro que os métodos de pesquisa foram inicialmente masculinos, ou seja, contidos de relatos feitos por homens. Contudo, a história as retrata, trazendo-as de sua invisibilidade. À semelhança da China e da Índia, tivemos um patrimonialismo burocrático na Amazônia. Porém, mesmo com o influxo da modernidade, a borracha não persistiu em crescimento econômico para a região.

Os relatos históricos de viajantes pela Amazônia retratam a mulher de forma absolutamente diferente do que realmente se toma conhecimento através da historiografia contemporânea. Como afirma o texto de Perrot, a visão feminina é atribuída a situações meramente emocionais. Estas diferem do que realmente se passa no âmbito trabalhista no decorrer das décadas.

É fato que a história do trabalho feminino em seringais do Acre é bastante diferente pois as mulheres aqui apresentadas não o foram por beleza ou vida escandalosa, mas, por sua dignidade, por serem trabalhadoras, por permanecerem esquecidas quando se fala na construção e no desenvolvimento do trabalho no interior dos seringais acreanos.

---

<sup>124</sup> PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres. Relato de uma experiência. Dossiê: História da Mulheres no Ocidente*. Cadernos Pagu (4) 1995. Pp. 9-28 (p. 13).

<sup>125</sup> Idem 124

O trabalho feminino em todo o país tem sido objeto de estudo com relevância nas pesquisas hodiernas. Contudo, a desvalorização e a discriminação persistem mesmo com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher<sup>126</sup>, o que é notável. Surpreendem, a todo instante, mulheres destemidas que assumem cargos vistos, ao longo da existência humana, como “masculinos”. Segundo Costa em “As mulheres e o poder na Amazônia”,

Hoje, no Brasil, há razoável produção de estudos sobre mulheres, quer na vida privada, quer na vida pública. Porém, sobre as condições da mulher no século XIX e início do século XX, na Amazônia há uma grande lacuna. No pensamento latino-americano, seu ocultamento também parece ter sido a tônica. Quase não aparece no pensamento social, quer como autora, quer como protagonista<sup>127</sup>.

É possível observar, por exemplo, mulheres dirigindo grandes carretas, caminhões de carga, ônibus e até mesmo pilotando aviões, além de muitas outras funções, como trabalho em construção civil, direção de empresas, pedreiras e muitos outros, deixando clara a sua capacidade de aprendizado e de adaptação ao trabalho seja ele qual for.

A capacidade do aprendizado é desenvolvida ao longo da vida e das adversidades que se apresentam dia a dia. Aprender uma profissão e transmiti-la a outros torna a história humana mais eficaz, e a comunicação desses fatos pode exprimir ou destacar a marca do narrador, ou, no caso desta pesquisa, a marca das narradoras, a marca de mulheres que mencionam sua trajetória de vida, como afirma Benjamin,

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arteção – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa do narrador como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em

---

<sup>126</sup> O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) foi criado em 1985, vinculado ao Ministério da Justiça, para promover políticas que visassem eliminar a discriminação contra a mulher e assegurar sua participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país.

<sup>127</sup> COSTA, Heloisa Lara Campos da. *As Mulheres e o Poder na Amazônia*. EDUA, Manaus - AM, 2005, p. 27.

seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso<sup>128</sup>.

O sentido dos relatos expostos nas conversas informais, assim como nas entrevistas, direciona a compreensão do tempo evidenciado e das situações apresentadas por cada uma das narradoras. A comunicação torna-se clara e transmite as informações necessárias ou solicitadas.

---

<sup>128</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol. I.* 3ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, p. 205.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa primordial dos historiadores é fazer conhecida a história: seja por meio de pesquisa historiográfica, de busca intensiva das mais variadas fontes ou também através de relatos de pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos.

Cumpra ao historiador a função fundamental de reestabelecer verdades por muitos desconhecidas. As fontes informativas possibilitam a descoberta e a história da memória relatada, constituindo-a em fatos de conteúdo rico e crível.

As mulheres entrevistadas para esta pesquisa são exímias seringueiras que relatam a trajetória de suas vidas, no período em que trabalharam em seringais do interior do Estado do Acre, e como de lá tiraram todo o seu sustento. Contam ainda a respeito de sua sobrevivência, bem como as experiências para suas vidas hodiernas estabelecidas nas cidades.

Em meio a muitas revelações, testemunharam e descreveram com entusiasmo as lutas travadas com as dificuldades de sobrevivência em meio à floresta, o corte, a coleta, a fabricação, e a venda da borracha executadas para manter com dignidade a estrutura familiar.

O cotidiano do trabalho feminino em seringais do Acre difere um pouco da história das mulheres em padrão historiográfico nacional. As mulheres aqui apresentadas não o foram por beleza, por destaques ou vida escandalosa, mas por estarem à margem da memória, por sua dignidade, por serem trabalhadoras, por permanecerem esquecidas quando se evidencia o estabelecimento e desenvolvimento do trabalho nos seringais.

O trabalho da mulher Acreana cortando seringa, plantando, ajudando o esposo no sustento para com a família ou mesmo assumindo a posição de responsável pelo lar ainda é considerável, e o reconhecimento de tudo isso perdura buscando dias melhores.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. EDUSP, Bauru, SP. 2007.
- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. *Trabalhadores do Muru, o rio das garças*. EDUFAC, Rio Branco - AC, 2005 (Série Dissertações e Teses 8)
- AMADO, Janaína e Marieta de Moraes Ferreira (Organizadoras) – *Usos e Abusos da História Oral*. 3ª. Edição, Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. *Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de “empate” no Acre*. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA – Órgão da Associação Nacional de História (Ex-Associação Nacional dos Professores de História) - São Paulo. ANPUH/Marco zero, vol. 14, nº 28, 1994.
- AZEVEDO, Elciene et al (Orgs.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Unicamp, 2009
- BATALHA, Claudio H, SILVA, Fernando Teixeira e FORTES, Alexandre Fortes (Orgs). *Culturas de Classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além – depois*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol. I*. 3ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BEZERRA, Maria José – *Invenções do Acre – de Território Estado – um olhar social*. São Paulo: USP, 2005. 383 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação, em História. Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – SP, 2006.
- BOSI, Ecleia. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 3ª ed., São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Departamento de Atenção à Saúde. *Atenção Básica e a Saúde da Família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BRASIL. Lei 8080, de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial de União, 20 de Setembro de 1990. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia Prático do Programa de Saúde da Família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

\_\_\_\_\_. Departamento de Atenção Básica. *Manual de estrutura física das unidades básicas de saúde: saúde da família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 52 p. 2. ed. (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

\_\_\_\_\_. *Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão* / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Departamento de Apoio à Descentralização. Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Descentralizada. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006a, – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Série Pactos pela Saúde 2006), v. 4.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Avaliação da implementação do Programa Saúde da Família em dez grandes centros urbanos: síntese dos principais resultados*. ESCOREL. S, GIOVANELLA, L., MENDONÇA, M.H., MAGALHÃES, R., MAIA, M.C., Brasília: 2002.

\_\_\_\_\_. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Ambiência* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional de Avaliação da Satisfação dos Usuários do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.

\_\_\_\_\_. Política nacional de atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006c, – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Série Pactos pela Saúde 2006), v. 4, 60.

BRUSCHINI, Cristina – *Trabalho Feminino: Trajetória de um tema, Perspectivas para o futuro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação - CIEC / Centro Interdisciplinar Estudos Contemporâneos. Rio de Janeiro. 1994

\_\_\_\_\_. *O Trabalho da Mulher brasileira nas décadas recentes*. Revista de Estudos Feministas. Ano 2. Gráfica e Editora Copiart Ltda. Santa Catarina. 2º semestre 1994.

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. *História do direito do trabalho da mulher: aspectos histórico-sociológicos do início da República ao final deste século*. São Paulo, Ltr, 2000

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CHALHOUB, Sidney et al (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003

\_\_\_\_\_. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*, Campinas: Editora da UNICAMP, 2005

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.

CHAUI, Marilena – *Conformismo e Resistência*. 1ª. Edição 1986, 6ª. Reimpressão, Editora Brasiliense. São Paulo – SP 1996

COSTA, Heloisa Lara Campos da. *As Mulheres e o Poder na Amazônia*. EDUA, Manaus - AM, 2005

COSTA, Mariete Pinheiro - *O Parlamento e o Soldado da Borracha no Limiar da II Guerra Mundial* – 2007. Monografia – Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo – Câmara dos Deputados, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento, 2007.

CORTEZ WISSENBAACH, Maria Cristina. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. In História da Vida Privada no Brasil, vol. 3

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa*. In: Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CRUZ, Tereza Almeida. *Mulheres da floresta do Vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente*. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 913-925, setembro-dezembro/2010

\_\_\_\_\_. *Mulheres Trabalhadoras rurais em movimento: uma história de resistência. Vales do Acre e médio Purus/1988 – 1998*. EDUFAC, 2010.

DE DECCA, Edgar. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DELGADO, Maria Berenice. *Mulheres na CUT: um novo olhar sobre o sindicalismo*. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (Orgs.). *Mulher e política; gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOSSE, François. *História do tempo presente e Historiografia*. Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v.4, n.1, p. 5-22, jan/jun. 2012

FAUSTO, Boris. *Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FENELON, Déa Ribeiro. *O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 40, p. 27-51, jan-jun., 2009.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 10ª. Edição. Companhia Editora Nacional. São Paulo – SP, 1970.

Fundação Ford CEPIA. *O Progresso das Mulheres no Brasil*. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) Brasília, 2006.

HEREDIA, Beatriz, Ellen F. Woortmann e Renata Menache – (organizadoras). *Margarida Alves, Coletânea sobre estudos rurais e gênero*. NEAD Especial - Apoio às Políticas e à Participação Social no Desenvolvimento Rural Sustentável. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Brasília: MDA, IICA, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os trabalhadores. Estudos sobre a História do Operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *1902 – 1982 – Raízes do Brasil*. 26ª. Edição, Editora Companhia das letras. São Paulo, 1995.

GOULART, Sonia. *As mulheres e os direitos civis - Traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero*. CEPIA, Rio de Janeiro, 1999

KODAMA, Teresa Cristina Della Monica: *Cartilha de Orientação Sobre os Direitos Trabalhistas Da Mulher - Comissão Da Mulher Advogada*. (Procuradora Do Estado Membro da Comissão da Mulher Advogada da OAB-SP) São Paulo – SP, 2009

Legislação da Mulher, 4ª edição Centro de Documentação e Informação Câmara dos Deputados, Edições Câmara, Brasília, 2011.

LARA, Silvia Hunold e MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Direitos e justiça no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MARTINELLO, Pedro. *A “batalha da borracha” na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale Amazônico*. Série “C” Estudos e Pesquisas. Rio Branco: EDUFAC, Universidade Federal do Acre, 1988.

MEIHY, J.C.S.B. *Definindo História Oral e Memória*. Cadernos CERU. São Paulo, n 5, série 2, p. 52-60, 1994.

\_\_\_\_\_. *Manual de história oral*. 5ª ed., São Paulo, Loyola, 2005.

MIRANDA, Gabriela Alves - *Saúde e Doença na Batalha da Borracha – o Serviço Especial de Mobilização dos Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) (1942-1944)*.

NASCIMENTO, Maria das Graças. *O Espaço Ribeirinho: migrações nordestinas para os seringais da Amazônia*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-DG/USP, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Trabalho Silencioso da Mulher no interior da Floresta Amazônica*. Revista De Educação, Cultura e meio ambiente- Março.-Nº 11, Vol. II, 1998.

NEGRO, Antonio L. Evergton Sales Souza, Lígia Bellini (Orgs.) *Tecendo histórias: espaço, política e identidade*. EDUFBA, Salvador – BA, 2009.

OSIS, MARIA JOSÉ DUARTE. *Atenção integral à saúde da mulher, o conceito, e o programa: história de uma intervenção*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

PARETA, José Maria Marlet. *Saúde da Comunidade: Temas de Medicina preventiva e social*. Por: José Maria Marlet Pareta, Renato Meira e Carlos Affonso D'Andretta Jr. – Macgraw-Hill do Brasil, São Paulo, 1976.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres. Relato de uma experiência*. Dossiê: História da Mulheres no Ocidente. Cadernos Pagu (4) 1995. Pp. 9-28.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX*. Terra das Águas: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n. 1, p. 148-172, 1999.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Mulher na Imprensa Amazonense, 1900-1950: algumas reflexões*. XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH.

\_\_\_\_\_. *A Cidade sobre os ombros. Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Projeto História, São Paulo, 1998.

PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*, 2ª. Edição, Editora Contexto.

PORTELLI, Alessandro: *O que faz a história oral diferente* - in PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP, 1981.

\_\_\_\_\_. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Projeto história, São Paulo, (14), fev. 1997.

\_\_\_\_\_. *História Oral e Poder*. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) –Artigos - Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A borracha na economia brasileira da primeira República. In História Geral da Civilização Brasileira, Boris Fausto (org.), tomo III — O Brasil republicano, vol. 1 — Estrutura de poder e economia (1889-1930), 4ª ed., São Paulo, Difel, 1985.*

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil. (Org.) 9ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2007.*

POZZI, Pablo. *Revista do Programa de Pós Graduação em História – UDESC. Vol. 4, nº 1, Florianópolis Jan/Jun. 2012.*

Revista de Estudos Femininos vol.10 no. 1 Florianópolis Jan. 2002 - *Mulheres e sustentabilidade na Amazônia*

RODRIGUES, Almira e CORTÊS, Iáris (Org.). *Os direitos das mulheres na legislação brasileira pós-constituente / Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea), Brasília: Letras Livres, 2006.*

RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam – *Companheiras de luta ou coordenadoras de panelas”? As relações do gênero nos assentamentos rurais. UNESCO, Brasília, 2000.*

SADER, Éder. *Quando novos personagens entraram em casa: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970/80. 1ª. edição. Editora Paz e Terra S/A. Rio de Janeiro, 1988.*

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes. Vozes: São Paulo, 1976.*

SALVATICI, Sílvia. *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. História Oral, v.8, n.1, p. 29-42. Jan-jun. 2005.*

SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o poder e a família – São Paulo, século XIX. Editora Marco Zero. Secretaria de Estado da Cultura. São Paulo, 1989.*

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira - *História Econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo: T. A. Queiroz. 1980.*

SECRETO, Maria Verônica – *A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, no. 40 - 2007.*

\_\_\_\_\_ *Curtidas na saudade: Mulheres de “soldados da borracha” queixavam-se da vida dura nos alojamentos e reivindicavam assistência do governo.*

SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa. 1ª. Reimpressão, Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 2003*

SILVA, Maria de Andrade - "*A borracha passada na História*" (Os Soldados da Borracha durante a Segunda Guerra) – Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História, na disciplina de Orientação do Trabalho Monográfico, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, sob a orientação da professora Doutora Marlene de Fáveri. Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, 2005.

SILVEIRA, Valéria Barbosa Ferreira. *Amazônia Acreana: Palco Para a Leitura de Folhetos* (Universidade Federal do Acre).

SLENES, Robert. *Na Senzala Uma Flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil, Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SIMONIAN, Lígia T. C. - *Mulheres da Floresta Amazônica entre o trabalho e a cultura* Belém: UFPA/NAEA, 2001.

SOUZA, Antonio Cândido de Melo e. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades. 1976.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de - *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre* – Instituto de Pesquisa, Ensino e Estudos das Culturas Amazônicas – Rio Branco, 2010.

SOUZA, José Dourado de. *Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal - (re) colocações do Projeto Seringueiro* (Xapuri/Acre - 1981/1990). Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011. 259f.

SOUZA, Marcelo Ângelo de - *Superintendência da Borracha: um estudo institucional* - Monografia apresentada ao Curso de Engenharia Florestal, como requisito parcial para a obtenção do Título de Engenheiro Florestal, Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. RJ, 2010

SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista; France Maria Gontijo Coelho; Marcelo Miná Dias. - *Movimentos Sociais dos Seringueiros e a Reserva Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas*. Grupo de Pesquisa: Políticas Sociais para o Campo. Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa – MG.

THOMPSON, Eduard P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Companhia das letras, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Notas sobre o texto. In: \_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: UNICAMP

WILLIAMS, Raymond. WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Trad. Por Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 1989.

WOLFF, Cristina Scheibe - *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890 -1945)*. Editora Hucitec, São Paulo, 1999.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. *A Pesquisa em História*. 4ª. edição, 5ª. reimpressão. Editora Ática, São Paulo – SP, 2005.

## FONTES

### JORNAL O VARADOURO

<http://eduardoeginacarli.blogspot.com.br/2013/04/colecao-completa-do-jornal-varadouro.html> em 26/01/15 às 17:57 hs

### SITES

<http://www.guiatrabalhista.com.br/leistrabalhistas.htm> acesso em 29/01/2015 10:24

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)  
Em 29/01/15 11:52

<http://www.tst.jus.br/web/70-anos-clt/historia> 11:52 29/01/15

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br> em 14/04/2015 as 15:06 hs

<http://www.guiageo.com/acre.htm>

<https://www.google.com.br/mapa+dos+rios+estado+do+acre>

<http://www.greenpeace.org>

<http://www.cremese.cfm.org.br/>

<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/historico>

<http://www.spm.gov.br/assuntos/saude-integral-da-mulher>

<http://www.portaleducacao.com.br/enfermagem/artigos/29829/programa-de-assistencia-integral-a-saude-da-mulher-paism>

<http://www.portaleducacao.com.br/enfermagem/artigos/29829/programa-de-assistencia-integral-a-saude-da-mulher-paism#ixzz46BKy5BC4>

## **TRABALHADORAS ENTREVISTADAS**

### **NA CIDADE DE RIO BRANCO – ACRE**

Anísia Oliveira da Silva – em 02/09/2014

Nazaré Neves da Costa – em 27/08/2012 (in memoriam )

Maria das Graças Vasconcelos – em 03/09/2014 (in memoriam)

Valdete Vasconcelos da Silva – em 03/09/2014

Francisca Neves da Costa – em 03/09/2014

Ilzamar G. B. Mendes – em 04/09/2014

Iraci Gomes de Carvalho – em 06/09/2014

Maria das Graças Magalhães da Costa – em 04/09/2014

Cleuzimar da Penha Moreira – em 04/09/2014

Waldecir Pereira dos Santos – em 05/09/2014

Maria Hilda Vieira de Carvalho Soares - em 06/09/2014

Marian de Carvalho Matos – em 06/09/2014

### **NO MUNICÍPIO DE BUJARI – ACRE**

Francisca Cesário Chagas – em 06/09/2014

### **EM MANAUS- AMAZONAS**

Noêmia de Souza Lima – em setembro de 2012

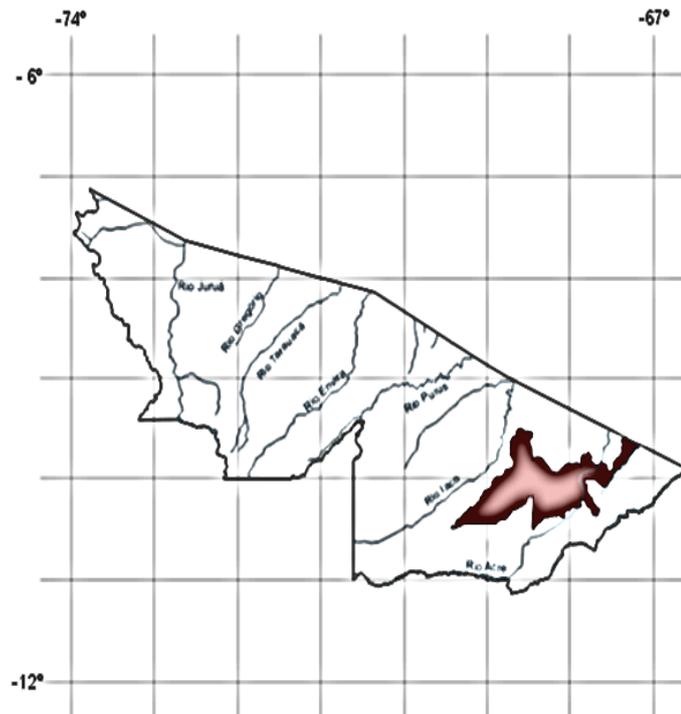
Geni de Sena Queiroz – em setembro de 2012

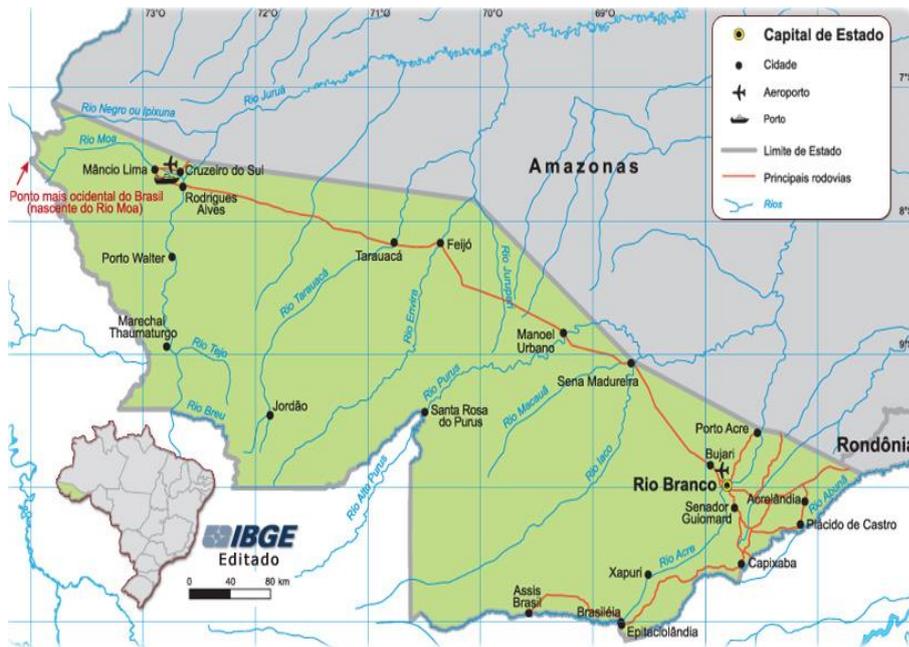
## ANEXOS

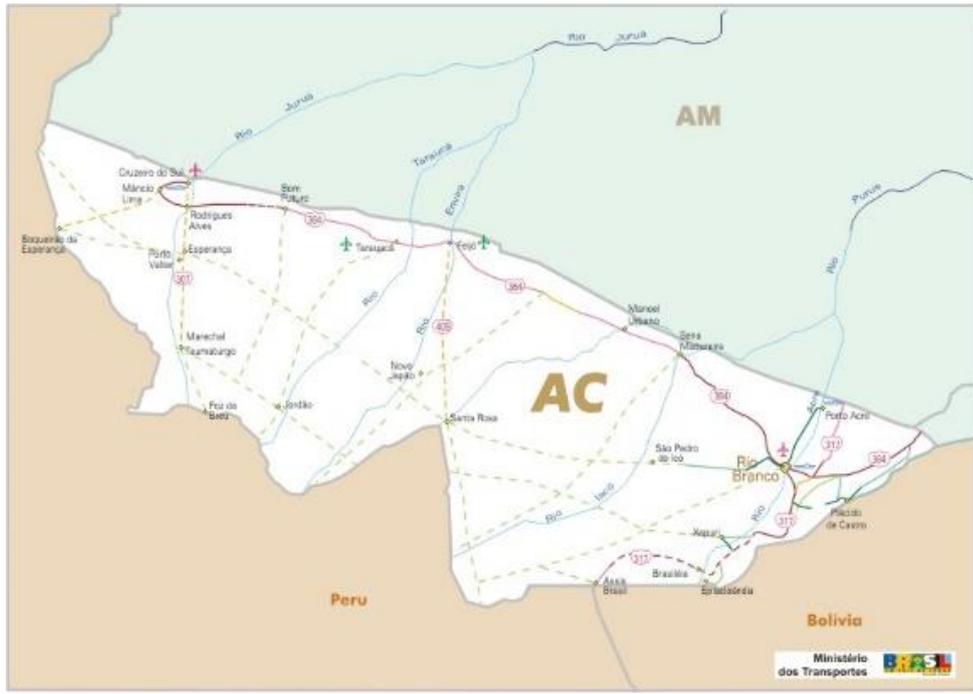
### MAPAS



**Acre**  
(Hidrografia)  
■ Rio Branco







**RIOS**

**ABUNÃ**

**PURUS**

